PQ
9261
.M79R4

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .M79R4

# REULLURA

## POEMA

POR

*Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.*

---

Beneath these battlements, within those walls
Power dwelt admist her passions; in proud state...
Lord BYRON (*Childe Harold's Pilmigrage*).

---

Camões, VIII.

COIMBRA:
Na Imprensa da Universidade.

1840.

PQ9261
.M79R4

387270
'29

AMK 2-2 Y37
3494
5441

# A

## Antonio Maria Osorio Cabral de Figueiredo,

M. F. da O. R., etc.

COMO TESTEMUNHO PUBLICO DE AMIZADE

E GRATIDÃO

142

Fernando Luiz Mousinho d'Albuquerque.

Conhecida de todos é a historia da Idade Media, e de ella se vé que a Constituição Feudal, então universalmente adoptada na Europa Christãa, no seu principio benefica, por isso que remediou peores instituições, tornou-se depois, pelo demasiado poder dos Feudatarios, terrivel para os Reis, e tyrannica para os povos. M. Sismonde de Sismondi, na sua novissima historia de França (e muitos antes de elle) expõe esta materia muito melhor do que aqui se poderia fazer, e a meu vêr mais clara e satisfactoriamente do que algum outro. Excusado é citar aqui exemplos do despotismo atroz sob o qual gemêrão, nessas eras, as grandes massas de nações, e com especialidade na França, Inglaterra, Escossia, Baixa-Allemanha, etc. Similhantes exemplos são notorios a todos os leitores. A historia appresenta-nos tambem exemplos de reacções da parte dos *villões*, que, levados ao desespero pelas insupportaveis tyrannias dos grandes, tentárão com as armas resistir á oppressão. Na historia de Inglaterra, mui particularmente, encontramos um exemplo destes, nos celebre *Outlaws*, que o

rigor das leis feudaes sobre a caça obrigou a formarem esses numerosos bandos permanentemente armados, e cuja existencia tanto celebrárão os cancioneiros populares Inglezes, com as façanhas d'um chefe destes bandidos » Robbin Hood. » A tradição destas proezas forneceo a Sir Walter Scott um dos mais bellos episodios da sua novella de *Ivanhoe*. Quantas reacções desta natureza não ficarião sepultadas no esquecimento dos habitantes das aldêas e do campo contra os pequenos senhores, cujos castellos opprimião as provincias.

Tenho pois estabelecido a verosimilhança da existencia do meu Sigismundo, e a do seu conto de injuria e atroz vingança, que fazem senão a primeira ao menos a segunda parte essencial do meu Poema.

Em uma cousa abusei talvez da licença que o Mestre dá aos poetas « Pictoribus atque poetis, etc. », e vem a ser a supposição de que no tempo de S. Luiz inda houvessem em França alguns

Que ainda o sangue proprio blasonavão
Misturado não ter c'os invasores
De Germana accendencia . . . . . .

Porém em meu abono seja-me licito dizer que appresento esta opinião mais como uma exaltação de idêas do mancebo Sigismundo, embebido na

leitura dos Classicos, do que como fundada na realidade. Lendo toda a passagem do poema, á qual me refiro, lá se encontrão as expressões « ou julgava descer » que comprovão o que deixo dito.

Sei perfeitamente que a dominação dos Romanos nas provincias estava em geral longe de ser tal, que podesse dizer della Sigismundo que seus padres

. . . . . dos Romanos
Os fôros liberaes livres gozávão.

Todavia nos ultimos tempos foi esta dominação assás suave, e vemos, já no tempo de Claudio, uma proposta sustentada por este Imperador no Senado, para a admissão da nobreza da Gallia no seio daquella Assemblêa. Creio pois que as palavras que ponho na bôcca do enthusiasta Sigismundo não pareceráõ deslocadas, e muito mais lembrando-nos que elle falla comparativamente.

Resta-me só dizer que o desejo de passar para a nossa lingua algumas das bellezas de Lord Byron, me induzio a transpôr para este poema grande numero de versos inteiramente traduzidos daquelle incomparavel Vate. Assim tirei do « Giaour » alguns bocados do 1.° Canto, o principio e fim do Canto 5.°; da Parisina, o começo do Canto 3.° Póde ser que alguns versos pelos outros Cantos tambem sejão imitados de Byron, e que ora os não tenha

presentes. Tambem reconheço obrigações a outros auctores, além do citado; por exemplo a Casimir Delavigne devo o episodio da morte de Rollando e suas ultimas palavras.

Terminarei esta minha especie de confissão de plagiato, citando muitos claros engenhos que igualmente este commettêrão. Nada direi dos nossos Portuguezes, bem conhecidos de todos, entre os quaes Camões? Entre os Inglezes, Milton passa por ter sido plagiario do Dante. Entre os Francezes, o principe dos Tragicos, Racine, deve grande numero de versos aos Gregos. A sua tragedia « Iphigénie » contém fallas inteiras traduzidas da Illiada; tal é a que começa por

« Fuyez donc, retonruez dans votre Théssalie;
Moi même je vous rend les serments qui nous lie »

em Homero por

Φεῦγε μάλ', εἴ τοι θυμὸς ἐπέσσυται. οὐδέ σ' ἔγωγε
Δίσσομαι εἵνεκ' ἐμεῖο μένειν.

A sua Comedia « Les Plaideurs » quantas passagens inteiras não tem copiadas da dos « Σφηκες » de Aristophanes; além da intriga da peça, que é quasi a mesma no Francez e no Grego.

Algumas pessoas quererião que tambem me confessasse devedor do final do poema á Novella de Sir Walter Scott « The Bride of Lamermoor. » Não

vejo eu que aquelle desenredo seja privativo da citada novella. Assim acabão muitas obras deste genero, entre outras a Franceza « Les Bleus et les Blancs. »

As epigraphes dos cantos, tiradas todas de Lord Byron, e muitas dellas desse mesmo « Giaour » a quem tanto deve o poema, mostrão bem a nenhuma pretenção que tenho de encobrir o que é tirado de outros. — E quanto ao mais sujeito-me de boamente á censura, que inevitavel é a quem escreve, e muito menos quando está o trabalho tão longe da possivel perfeição, qual reconheço está este meu.

# REULLURA

## POEMA.

## Canto Primeiro.

> Her eye's dark charm t'were vain to tell,
> But gaze on those of the Gazelle
> It will assist thy fancy well.
>
> BYRON (*Giaour*).

JUnto á margem do Rheno, onde domina
A França, no brazão tão celebrada,
Um Gothico Castello se elevava.
N'um outeiro sublime o construira
O Franco Arnaldo. As portas bronzeadas
Soberbo escudo adorna, onde esculpidas
Armas, bandeiras, louros e corôas
Dos Castellões a raça bellicosa
Como rica em proezas denotava.
Da menagem na torre, que cingia
Profundo fosso ovante tremulava
O pendão, refulgente de nobreza.

Outr'ora do Castello os moradores,
Contra imigo infiel, tinhão seguido
As armas de Martel, que em recompensa
Dos feitos, com que Arnaldo se illustrára;
Em nome do Monarcha dos Francezes,
Lhes dera como feudo a terra inteira,
Que do cume do outeiro se divisa.
Nem começava aqui toda a linhagem
Do ufano Castellão: Velhos avoengos
Com o Rei Clodion já militavão.
Sob Clovis, em Tolbiac celebrada,
Honra e armas de Chefe havião tido.
Morto Arnaldo, seus filhos bellicosos
Façanhas paternaes não desmentírão.
Hoje, de Luiz Santo sob o imperio,
Rhodon, dos Cavalleiros joven Chefe,
Na terra santa as armas manejára.
Irmão de Rhodon, filho de Rollando,
É Eudes o prudente e bem nascido.
Firmes estaes do throno, cavalleiros
Em manejar a lança mais expertos,
Ou em domar os brutos Neptuninos
Na França não citava Luiz Nono.
Mas apezar da fama dos mancebos,
Dos exercicios masculos frequentes,
Na extensa estrapada que celebrão;
As lanças rotas, elmos em pedaços
Da familia não são maior portento.

Rollando, o velho, os filhos idolatra.
Vê em Rhodon um successor brioso,
Ama em Eudes o fogo, que retrata
Do tempo já passado os sentimentos.
Louva os filhos. — Mas sente mais ternura
Por thesouro mais raro mais mimoso.
Quaes entre as vaccas timidas passeião
Dous touros mais soberbos, eminentes
Pela frente emproada e curtas pontas;
Ou quaes, por entre os Faunes as Bachantes,
Entre os Satyros ledos, que rodeião
O carro de Leneo, soberbos marchão
Dous tigres submettidos; — taes figurão
Entre a prole Franceza os dous Rollandos.
Mas qual entre outras flores apparece
A rosa matutina, ha pouco aberta;
Ou qual, cortando os ares, vem batendo
Candidas azas pomba voadora,
A filha de Rollando, Reullura
Entre as familias francas se distingue.
De uma esposa adorada, que ainda chora,
Via nella o retrato o pai amante:
Olhos azues — a face côr da neve,
A alourada coma, que em madeixas
Sobre os hombros airosa lhe caía,
Realçavão a fórma tão formosa,
A estructura delgada. — Seu aspecto
As imagens das fadas recordava,

Quando, de brancas vestes revestidas,
Os homens p'ra ajudar, meigas prestávão
De seus encantos a arte bemfazeja.
Tal era Reullura. A visinhança
Seus corporaes encantos exaltando,
Muito mais a sua alma decantava.
Seu coração benefico sensivel
Tornava a do opprimido a protectora.
Sua mansidão meiga temperava
Do militar governo a disciplina.
Sua doce influencia de Rollando
Mitigava a altivez aspera e dura.
Des que a esposa perdeo, em quanto a filha,
Infante inda, os desgostos não podia
Mimosa alliviar, Rollando altivo
Nos servos seus o jugo carregára.
Em triste indifferença sempre immerso,
As rédeas do governo, da justiça
O Ministerio a Rhodon tem deixado.
Rhodon, moço soberbo, entrega tudo
A adulação, que os moços sempre illude.
De infames cortezões que o rodeavão
Perniciosa a influencia ressentirão
Os miseros vassallos. Mão pesada
De cruentos Senhores roubadores
Carregou sobre os povos das campinas.
Taixas, impostos, submissões forçadas,
Trabalhos illegaes crueis exigem,

Dos oppressores colonos, os que exercem
Em nome de Rhodon a auctoridade.
Rhodon dos seus não ouve a queixa justa;
Em preparos de guerras occupado,
O que da guerra sobra entrega aos jogos,
Da caça aos passatempos, aos amores. —
Amores! — e que amores! — quantas vezes,
Do voluptuoso despota a presença
Fez as virgens tremer: mais assustadas
A belleza das filhas maldisserão.
Gemeo o povo em vão. Os descontentes
Com o soffrer alfim se exasperárão.
Uns timidos fugirão dessas terras,
Deixando seus casaes, onde faltava
Quem contra algoz poder os amparasse;
Outros murmureos sérios levantárão,
Rebellião e vingança ameaçando.

Reullura, com os annos, de seu padre
Tornou-se a companheira. Seus prazeres,
Seus dissabores tudo repartia.
Achou nella um apoio o desgraçado,
Por ella de Rollando foi ouvido
O grito popular, represso o jugo,
Que na mísera plebe carregára.
Ainda que nobre, e filha de um guerreiro,
Não prezava a ignorancia Reullura.
Um Monge (que um Mosteiro venerando

Se elevava nos campos, junto ao Rheno)
Sua joven razão tem cultivado.
Clio para a donzella desenrola
A pagina fecunda, onde retraça
Dos seculos humanos velhos feitos.
Do Bardo antigo os canticos relia;
Do propheta Judeo a lei percebe.
Lê, no livro de Christo, que castiga
O Senhor a potencia mal usada;
Que Seu Filho Incarnado não prescreve
A dureza ao poder, a crueldade.
Na pagina fecunda ha contemplado
Gravados do Atheniense os altos feitos.
Do audaz Timoleon tem lido o caso,
Com o odio aos tyrannos destinado.
Tal Reullura vive. Assim juntava
Ao corpo celestial a alma divina.

No centro do Castello, a cidadella
Dos Castellões encerra o aposento.
Ricos tropheos, despojos lá do Oriente,
Que os cruzados Christãos aos Sarracenos,
Aos infieis imigos, conquistárão,
O camarim ornavão de Rollando.
N'um sophá recostado jaz o velho,
Deposta a armadura, co'as insignias
Do seu alto poder. A frente é calva:
Severo o garbo, ao mando acostumado,

Profundo o olhar, que sembra penetrante
Do coração nos ultimos recantos.
A filha a si chamou. Eis se aproxima
A linda Reullura, que elle adora.
Ao sentil-a chegar, perde a rudeza,
Atravez a altivez vé-se a ternura;
Beija-lhe a filha a mão. Elle contendo
Nimio carinho, que ora não convinha
Inteiro apparecer, assume ar grave —
Ella, ao vêr gravidade desusada,
Estremece, descóra e com voz fraca
Terna, meiga, que pedras commovêra —
« Que tens oh Padre meu? — Se minha harpa
« Póde suavisar os teus cuidados;
« Ou se gostas de ouvir os magos contos,
« Tuas idêas sombrias que afugentem;
« Manda; que a filha tua, bem o sabes,
« Em agradar-te, em ser de ti querida
« Sua ventura põe. — Mas esse aspecto,
« Esse severo olhar oh não persista! »
Surri-se o ancião, vendo o receio
Da timida donzella. Sobre o peito
Meigo a agazalha, imprime-lhe na frente
Osculo paternal. Sob estes labios
Sereno volve o rosto da donzella;
Vagos receios se desvanecêrão,
Como as nevoas dissipa o sol radioso,
Que ao longe vagamente se ajuntavão.

« Filha querida, orgulho de teu padre,
« A' flor dos annos vejo-te chegada.
« Aprazi-me em crear-te, em vêr teus dotes
« Florescer, paternal sob o cuidado;
« Qual a aguia se apraz em vêr os filhos
« Sob a aza empenar, em conduzil-os
« No vôo inda recente. Agora impera
« O dever um Esposo amor te ensine,
« Digno de mim, de ti. Cumpre entregal-a
« A flôr que cultivei a quem a ampare
« Nas procellas da vida, quando eu falte.
« Que eu nem sempre serei. Sessenta giros
« Do Sol hei contemplado. Da Bourgonha
« O herdeiro, de partes estimadas,
« De antigo alliado meu, velho irmão de armas
« O filho aspira a mão de Reullura.
« Firmar com essa mão quero a amisade
« Que ao Barão Fontenai ha tanto me une;
« Joven é elle, e como tu formoso.
« A'manhãa mandarei Eudes prudente,
« Que meu consentimento manifeste
« Ao velho Bourguinhão, e que acompanhe
« Até aos Passos meus Alfredo o noivo. »
E ella que diz? — Na mão do padre imprime
Osculo de obediencia. Esconde o rosto —
Elle a percebe. A's vistas de Rollando,
Quem esconder podesse o que procura
Olhar scrutinador inda nao houve.

Mas por então fingio. Cumpre o silencio
Tomar por obediencia. Levantou-se,
Sem nada mais ouvir, sem dar-lhe tempo
A que idêas recolha. Desenlea
Da mão da filha a mão, e distraído
Affecta que se vai. — Só Reullura
Alli ficou. Talvez responder ía;
Mas Rollando não soffre taes repostas;
O que disse uma vez atraz não torna.
E o que muitos guerreiros denodados
Não ousão de arrostar, como arrostal-o
Poderá essa virgem delicada,
Tão timida essa filha respeitosa!

Passou-se o dia. Eudes se ha partido,
De bem nombrada escolta acompanhado,
Cem guerreiros ovantes. Vinte de elles,
(Que os armados corceis vão cavalgando),
Glorificava sempre livre a raça.
Vio-os partir Rollando. A Rhodon manda
Preparar o Castello a recebel-os,
Quando com o Bourguinhão em feliz dia
Dentro aos muros antigos regressarem.
Lanças, elmos, espadas e bandeiras
Para a festa futura se amontoão;
Que a joia de Rollando Reullura
A desposar Alfredo é reservada.
Feliz Alfredo, se os jogos que prepárão

Tua dita futura predissessem.
Feliz oh Bourguinhão, se reservada
Tivesse para ti a sorte irosa
A joven Reullura. Terno peito,
Tão grande formusura, tantos dotes
Que ventura promettem ao Consorte!
Quem a dita dirá do que a possua,
Seus incautos, seus fados quem reparta!
Feliz o seu consorte! — ai de ti moço,
Ai de ti Bourguinhão — tu nunca has sel-o.

Mas o Sabio, aquelle que domina,
Sem que seja o mais forte, sobre quantos
A espada de elle a par hão manejado,
Rollando em que cogita? — Sua filha
Ama acaso. Acaso a intimidára
O proposto hymeneo, porque outrem tenha
Do joven coração feita a conquista?
Ou foi só esse timido receio,
Vago temor, que de hymeneo ao nome
O peito virginal hão assaltado? —
Porém aquelle rosto que escondêra —
Tanto tremor — a confusão extrema —
Perde-se em conjecturas. Se soubera
Quem foi o temerario — ah não duvída
Que sorte a alma implacavel lhe mandára.
Observará, e d'ora em diante attento
Vigiará os passos da donzella.

Se o Monge .... Mas ah não. Como um vassallo,
Consagrado ao altar, ouse incorrêl-as,
As duras penas, que o villão castigão;
Quando sobre alta Dama se atrevesse
A levantar as vistas temerarias.
Mas quem sabe! — professo inda não era,
Joven ainda — Rollando pensativo
A largos passos anda passeando,
Discutindo os diversos pensamentos,
Que a conducta da filha lhe inspirára.

Mas na praça do Forte já concorrem
De Rollando os vassallos os amigos,
A preparar a festa a repartil-a.
Vem cavalleiros ledos: não fenecem
Os cavallos formosos, as couraças,
Os elmos de aço, as plumas de mil côres.
Vem do azul, da rosa, do vermelho,
Confórme a Dama, as tintas ostentando;
Outros cifras ufanos; outros armas,
Que de amigo ou da amante recebêrão.
Vinhão os trovadores seus amores
Sobre a harpa cantando; em quanto os brutos
A musica das chordas vem seguindo.
Pagens armados, jovens escudeiros
Seguem os gloriosos Feudatarios.
O cortez Castellão, Rhodon ardente
Ao encontro dos hospedes se appressão.

Cortezes expressões, venias não faltão,
Inculcão-lhes diversos aposentos.
Em tanto activos correm os vassallos,
A ministrar manjares aos senhores,
Aos pagens; outros pasto p'ra os cavallos.
Rollando aos mais amigos reconhece
Recebe saudações, retribue outras.
Em quanto c'os maiores recontava
As proezas dos tempos que já forão;
Rhodon c'os jovens hospedes discorre
Sobre as armas, cavallos, as divisas,
Os varões, os arnezes, os heraldos.

Adornada, qual cumpre á filha nobre
De rico Castellão: ainda mais bella
Que quantas pedras seu vestido adornão,
Timida como a rola, como ella
Ornato do pombal, linda apparece,
Reullura. Entre os rostos de alegria,
Só ella leva aspecto merenchorio;
Mas docemente triste, e inda mais linda
Pelo occulto pezar — ar resignado,
Olhos baixos. — Dirias ovelhinha,
Que sem queixume um só, sem resistencia,
Ao cutello do algoz offerecia
A imaculada frente.
Conduzidos do irmão, os cavalleiros
Um por um a saudão. Senhorio

De Fontenai das terras congratulão
Que em tão bella Senhora recaísse.
Mas houve um só, que mudo contemplou-a;
Não fallou do hymeneo, causa da festa; —
Sómente se inclinou — e confundio-se
Breve, na turva multa circunstante.
Era Amedeo. De todos os Guerreiros,
Que a tal festa concorrem, unico era
De côres ou de cifras destituido.
Branco o Escudo « A' Incognita Futura »
Por divisa só tem. Assim levou-o
A' Palestina; assim de lá voltára;
Assim volveo da Corte, onde o retinha
De Luiz Santo o affecto lisongeiro.
Parente de Rollando, nos combates
Companheiro de Rhodon, nas proezas
A nenhum inferior, raio no campo,
Com a espada na mão terror do imigo;
Sob o tecto pacifico materno,
O leão dos combates é mais terno,
Mais manso, mais gentil que uma donzella.
Muitos annos corrêrão sem que a visse,
A formosa parenta. Ao Ceo prouvera,
Para socego seu, que nunca a vira.
Notou a virgem timida o silencio,
E seja gratidão, ou sentimento
Mais terno ainda, um olhar agradecido,
Que talvez illudido interpretasse

A seu favor demais, foi grato o prémio
Daquillo que não disse, que ha calado.

Promptas as mezas, cada qual se assenta.
Circula o vinho: ao lado da donzella
Fica o nobre Amedeo. Núa a cabeça
Deixa vêr seus cabellos, descendentes
Sobre o collo, em anneis não menos louros
Que os da joven parenta. Conversavão
Os Cavalleiros, allusões frequentes
Fazendo ao hymeneo que se esperava.
No calor do festim, ha confidencias,
Mais que em hora qualquer. Suas proezas,
Com o cópo na mão, todos recontão,
Contão amores seus. Já mil saudes
Ao Castellão, á filha, ao seu consorte.
Amedeo se ergue: « A vós, oh Cavalleiros,
« Um brinde proporei. A' mais formosa,
« A' mais encantadora do seu sexo. »
« A' mais formosa » a uma os cavalleiros
Respondem, largas tassas despejando.
Amedeo aproveita aquelle instante
De subito rumor, e em voz mui baixa:
« Se algum dia, o que a sorte não permitta,
« Em hora de desgraça e desamparo,
« De um braço todo vosso precisardes;
« Contai c'o meu Senhora. » — De Rollando
O confunde um olhar. Ella estremece,

Elle compõe-se. — Um Pagem annuncía
Que estranho á companhia um peregrino
Seu galhardo saber humilde offerta.
Vive ambulante: Sabe mil romances
Engraçado cantar. C'o esta riqueza,
Todo o reino Francez ha percorrido,
E ha pouco da Bourgonha regressava.
Os Cavalleiros rogão que se admitta:
Manda-o Rollando. — Eis o peregrino.

Na cabeça elle trazia
Branco chapeo desabado,
Que depressa tem tirado;
Mal entrou na companhia.

Cobre o manto o corpo airoso;
A tiracol lhe pendia,
O instrumento harmonioso,
Donde a vivenda saía.

« Vens da Bourgonha? » pergunta
Rhodon, com ar desdenhoso.
« Dessa terra tão illustre
« Sabes romance famoso;
« Que não seja largo conto,
« Pela extensão fastidioso. »

Inclinou-se o peregrino,
N'um momento desprendeu
A harpa. Breve a afinou,
E ao cantar começo deu.

« De Fontenai existia
« Alto Barão venerado;
« Seu governo bemdizia
« O povo, bem governado. »

« Se á sua porta se parava
« O infeliz, a supplicar,
« Nunca d'alli o mandava,
« Sem lenitivo levar. »

« Se o balio rigoroso
« Os vassallos opprimia,
« Elle escutava o queixoso,
« E o oppressor reprimia. »

« Mas, por nossa desventura
« Um filho Deos lhe mandou,
« De mui perversa natura,
« Que em nada o padre imitou. »

« Se pousava o desgraçado
« Ao pé do Castello seu,
« P'ra que a páo fosse expulsado
« O cruel logo ordens deu. »

« Se o vassallo lhe pedia
« Sua benigna protecção ;
« Porque da filha queria
« Celebrar doce união. »

« Sem respeito a virgem pura
« P'ra si manda arrebatar.
« Do pai se teme a ternura,
« Mandava-o logo matar . . . . . »

« Basta » Rollando grita furioso
« Peregrino atrevido. Acaso ignoras
« Que fallas ante mim, ante a donzella,
« Destinada por mim a ser unida
« Por hymeneo ao nobre, que ora ousaste
« Assim calumniar. Servos prendei-o.
« Em masmorra cruel seja retido —
« E veremos depois. » — Os servos tomão
Os ferros, ao estrangeiro p'ra arrojal-os.
Elle não resistindo, olha a donzella
Que preside ao festim : » De todos estes,
« Que se assentão na meza da soberba,
« Unica pura, toma esta reliquia
« De um opprimido. » — Disse, e a Reullura
Uma flôr arrojou. Ella escondeo-a.
Córou, e do córado ao descórado
Prompta volve ; de raio qual ferida,

Desmaiada caío. Levão-a as Donas;
O pai a segue. O irmão com os convidados
A etiqueta retem. Assim se acaba
Uma das festas que houve mais brilhante.

# REULLURA

## POEMA.

## Canto Segundo.

> Thou lov'st another then? — but what to me
> Is this — 'tis notting — nothing e'er can be
> But yet thou lov'st — and oh! I envy those
> Whose hearts on hearts as faithfull can repose,
> Who never feel the void — the wandering thoughts
> That sighs o'er visions — such as mine hath wrought.
>
> BYRON (*Corsair*).

A noute já. Cada um dos Cavalleiros
Em seu proprio aposento repousava.
Traz-lhe a noute com o somno almo descanço,
A que o vinho os convida. Se um momento
Aquelle estranho caso, que o banquete
Ha rompido, os inquieta, cedem breve
Ao pesado Morpheo, com o Bacho unido.
Mais que Rollando pouco se ausentára,
Junto á filha gentil. Vendo-a voltando
Aos sentidos, deixou-a, e a reunir-se
Aos hospedes volveo. Alli contára

Que, des da infancia, a filha fôra azada
A desmaios iguaes. Enganou todos;
Por indiff'rentes uns, por simples outros,
No caso estranho nunca mais pensárão.

Um só não creo. — Um só dormir não pôde,
Durando a longa noute. O peregrino —
A rosa que entregou — esse desmaio. —
Logo que vio amou a Reullura,
Amou, e tanto mais quanto sentia
Que innumeros obstaculos prohibem
A esperança ao amor. Sabe a promessa
Ao Barão de Fontenai do padre feita;
Mas a donzella vio, e se recorda
Sua muda afflicção; é convencido
Que odeia o hymeneo que lhe prepárão.
Conhece o Bourguinhão, horrendos vicios
Que manchão seu valor, o sangue antigo.
Rival para Amedeo não era Alfredo.
Quando recorda os olhos expressivos,
Com que fôra acolhido da Donzella,
Na hora em que a saudou; — julga possivel
Seu peito enternecer, ser della amado;
Mas quando o pensamento lhe appresenta
O Peregrino estranho; — qual ao preso
Ferros grilhões, espessas as muralhas,
Fazem desesperar da liberdade;
Assim as esperanças esmorecem.

Sembra lhe este estrangeiro vasto abysmo,
Que da amada p'ra sempre o separava.
Ciumento é o amor : Vistas de lynce
São menos perspicazes que o ciume ;
O desmaio, co'as ultimas palavras
Do trovador audaz — oh são memorias,
Que embora quer perder. Que és oh vontade
Quando um presentimento o peito assalta!

Não mais descança a causa encantadora
Dos males de Amedeo. Mal ha volvido
Com o sentir á razão ; oh que cuidados
Acabrunhão-lhe a alma. Se bastassem
As anciedades p'ra acabar c'o a vida ;
Certo que Reullura a terminára.
Opprimida da dôr, abre a ventana,
P'ra respirar o fresco. A lua clara
Placida segue o curso magestoso.
Serena a noute está : quam differente
Do peito da donzella. O mar inquieto
Tem menos movimento. Pensativa,
Ante a ventana pára, alli persiste ;
Fitos os olhos, sem que a nada attente,
Em stupido lethargo. Acabrunhada
Do tropel das idêas, entorpece
A alma á infeliz, e da existencia
A consciencia perdêra, se não fôra
A consciencia da dôr.

É tarde já: a Ronda sobre os muros
Anda inquerindo as velas: levantárão
A ponte levadiça, p'ra os que encerra
O Castello a saída é denegada.
Vem da vigilia o Guarda, acompanhado
Dos homens de armas. Ora se apartárão
Os outros da companha, o Guarda pára,
Com um delles. Theophilo era o nome
Do Guarda do Castello. Foi creado
No Imperial alcacer dos Comenas,
Na politica arteira. Aos Cruzados
No oriente acompanhou, e mais assiduo
Do filho de Rollando o acampamento.
Grego e astuto, facil se insinua,
Captiva do Francez a alma sincera;
C'o elle á Europa volveo, e des d'entonces,
Adulador servil, junto a Rollando,
Encontra igual favor ao que obtivéra
Do ardente Rhodon. Em breve espaço,
Favorito dos dous, indispensavel
Soube a ambos tornar-se. Ou Rhodon queira
Conduzir uma intriga namorada,
Ou Rollando enviar alta messagem
A visinhos Senhores; é chamado
O Grego Cortezão. Aborrecido
Era de todos mais; porém seguro
Do amor do Senhor, ri dos vassallos.
« Sisnando » elle dizia ao Companheiro

« Fiel amigo meu, braço direito
« Da minha elevação, viste quam triste
« O Senhor nosso á noute recolheo-se?
« Grandes magoas esconde. O temerario,
« O trovador estranho é Sigismundo,
« É o Monge. — Por elle seduzida,
« Beullura recua ante a obediencia,
« A Rollando devida. Eu bem lh'o disse.
« Descobri-lhe os amores horrorosos
« Desse vassallo audaz. Foi prohibido
« Ao Prelado o deixál-o do mosteiro
« A porta transgressar, mas o malvado
« De seu pérfido amor conter não pôde
« A inaudita insolencia; desfarçou-se,
« Não podendo seguir os seus designios
« De maneira melhor; qual peregrino,
« Aqui veio affrontar Rhodon, Rollando
« Os Cavalleiros todos; por olhal-a,
« Por augmentar da moça a antipathia
« Contra o esposo, que o padre lhe destina.
« Arde em ira Rollando, e a não serem
« Os habitos sagrados, curta vida
« Ao audaz agourára. Mas, Sisnando,
« Um meio ha de o escandalo fugirmos
« De um sacrilegio tal. — Crê; se a Rollando
« Permittisse a soberba Cavalheira
« Tal palavra soltar; elle a soltára.
« Sem que fallasse, sem que me o dissesse,

« Assás o percebi. Se um bom amigo
« Soubesse adevinhar o que o decoro
« Não lhe deixa dizer; um grande prémio
« Seguiria o serviço. Em quanto em vida
« Reullura souber o seu amado,
« Jámais ha de ceder; morto elle, quem sabe?
« Tudo é possivel, salvo amor de um morto,
« E sem amante julgas tu possivel
« Que na flor dos seus annos viva a bella? —
« Ouve pois. Ao tremendo subterraneo,
« Que este Castello encerra, conduzido
« Será por nós o monge temerario.
« Tu vés este punhal? — quando o tivermos
« Seguro — onde os ouvidos dos humanos
« Seus clamores — entendes. » Mais não disse.
O Franco o ólha, usado a obedecer-lhe,
Curvou-se. « Uma mercê tenho a pedir-te
« Em prémio do meu zêlo. » = « Falla escravo
« Já te acovardas? — Sabes que o meu braço,
« O que outrem recusar póde fazel-o.
« A uma cabeça, se é preciso, junto
« Outra mais vil. » = « Theophilo não temas,
« Não desconfies — não. Mas vés — eu sinto
« Dentro de mim remorsos. — N'alta noute,
« Por vezes, gotejando o quente sangue,
« Phantasmas se me antolhão. — É tão moço
« Tão bello o condemnado. — Vãa piedade
« Não sinto eu — mas não sei que repugna

« Neste attentado — mas se me arripião
« As carnes de terror — uma voz ouço
« Bradar-me já não anda longe a hora
« Do castigo. — Concede-me o que peço.
« Seja este o meu ultimo serviço;
« Depois do qual, em paz; — se tel-a posso. —
« Deixar-me-has ir chorar os meus delictos,
« Dentro de santa casa penitente. » =
= « Assim será, mas ora corre prompto
« A obedecer-me. Acalma esses temores.
« Eu tambem de delictos hei cançado;
« Este serviço sendo premiado,
« Mandarei offertar á Abbadia
« Valiosas devoções, para que os Padres,
« Perdão das minhas culpas deprecando;
« A Sisnando e a mim o ceo franqueem. »
E ambos se partirão. Ceos que ouvistes
Tão horrivel colloquio, que fizestes
Aos raios vingadores! — Clara lua,
Que alumias o Ceo, não te escondeste!

Mas ella que os ouvio, que os escutára,
Ante a ventana immovel, crer não póde
O que acaba de ouvir. Como ha salval-o,
O amante que adora! — Ella quizera
Bradar clemencia ao Grego despiedado;
Mas suffoca-se a voz, fallar não póde,
De tanto horror tomada. Já partirão

Os scelerados — e talvez nesta hora
Estão elles — oh Deos ! Se não lhe acodes
Morrerá sem recurso ! — Não — agora,
Acudio-lhe á memoria uma lembrança.
Cavalheiro da Incognita Futura,
Que o seu braço offer'ceo, ha de imploral-o.
Que faz? — vai encontrar-se a taes deshoras
Com um joven guerreiro ! — Não vio ella
Que sentimento a offerta lhe dictára,
E se assim é, ignora a que se arrisca,
Em passo tão estranho. — Ah vãa prudencia!
P'ra o amante salvar que ha não resolva
A alma apaixonada ! — O seu intento
Criminoso não é : áquelle encontro
Não irá só : de Deos acompanhada,
Vai da sua pureza defendida.
Recommenda-se ao ceo, e de amor cheia,
Chama a aia fiel : « Ao meu parente,
« Ao mui Nobre Amedeo, dizei que o espero,
« Sem demóra, na Torre. » — A aia hesita —
Ia representar quanto era extranho
O commando da virgem — rebellar-se
Ia talvez — mas ella supplicante,
Tão seductora a olhou ! — nada resiste
A tão gentil Senhora. Não compr'hende
Que motivo ella tem ; porém suspeitas
Nem póde conceber. Partio, bem certa
Que não ha mal onde ha tanta candura.

Achou a aia o joven Cavalleiro
Inda acordado. Entregue aos seus deli
Nem um momento o somno tem provad
Quando a vio — quando ouvio — seria um s
Manda-lhe que repita. — « Sem demóra
« Diz ella, e eu demóro! » toma as armas,
Sáe do aposento. Queira o Ceo lhe ordene
Attaque o mundo em peso; não duvida
Tudo ao cabo levar; quando ella ordena.
Rapido vôa, a aia esconjurando,
Porque a carreira leve lhe entropeça.
Chegou — vai vel-a — Amor a taes momentos
Que encantos prestas — Ah naquelle instante
Não tem o Ceo venturas que prefira.

E ella veio — a que? — O modo grave
Gelou o Cavalleiro. Illusões doces,
Projectos, conjecturas lhe fugirão.
Ella ahi está. — Ainda não fallára,
E já sabe Amedeo a seu respeito
Que ella não vai fallar. — Mudo esperava
Quebrar se digne o lugubre silencio.
A Donzella não está mais socegada.
O que vai revelar! — esse segredo,
Que quizera esconder ao universo,
Do pai, do irmão, de todos ignorado, — !
E a quem? a um moço impetuoso,
Cujo amor suspeitar assaz devia —

talvez ao rival — mas não. — Justiça
obre ao parente faz, confia nelle,
Em sua virtude, e prompta a arrepender-se
Do que lhe ía dizer, volve á confiança;
É este o unico meio que lhe resta
De o amante salvar, e assim começa.
« Nobre Amedeo, ha pouco, generoso
« A mim offereceste o braço invicto;
« Mal cuidava eu então que necessario
« Me seria tão cedo, se o exigires,
« Verme-hás a teus pés .... » = « Ah Reullura,
« Aos meus pés tu .... » Elle ía proseguindo;
Mas ella a mão alçou, a mão tão linda,
Como silencio impondo; aquelle gesto
Subjuga o Cavalleiro. Envergonhou-se
Do que ía descobrir. = « Da circunstancia,
« A que me reduzio minha miseria,
« Amedeo não abuses. Esse estranho,
« Que veio interromper nosso banquete,
« Cumpre salval-o. Sim; em quanto eu fallo,
« Tramão dous monstros vís tirar-lhe a vida. —
« Ninguem póde valer-lhe, Cavalleiro;
« Senão tu só — acode ao desamparo,
« Por nosso parentesco te supplíco.
« Se a minha gratidão tem algum preço,
« Aos olhos teus; d'aqui não me retire,
« Sem me teres jurado que has salval-o. »
Oh monstro do ciume! — neste instante

Do peito de Amedeo apoderou-se.
Suffoca a honra. Esquece o que é devi
A' nobre confiança da Donzella,
Só escuta o ciume. = « E que interesse,
« Senhora, tendes vós; que tanto exita
« A vossa compaixão! — Por um estranho,
« Tanto vos arriscaes! Grandes direitos
« Em vosso peito logra a caridade! »
Que foi dizer! — ainda não ouvira
Da donzella a resposta, e já deseja
Que perdesse a memoria do que ha dito.
« Triste de mim » exclama a desgraçada,
Com tom de voz que vai á alma direito,
« Se Amedeo me recusa; bem o vejo —
« — Tudo me abandonou » — e o lindo rosto
Cahio-lhe sobre o seio; — o véo, que a frente
Té então lhe cobria, caí por terra,
Vê a Amedeo: nos olhos desvairados,
Lê que de si depende a existencia
Daquella que prefere á propria vida.
Elle causar taes magoas! — Condoido,
Caí de giolhos. = « Não, oh Nobre Dama,
« Tudo não vos deixou. Resta o meu braço,
« Do vosso Cavalleiro. — Ah perdoai-me
« O que reter não pôde — o que eu quizera
« Apagar c'o meu sangue. — Vêde — prompto
« A obedecer estou; mas esse peito
« Volva sereno — vêl-o assim não posso.

A idêa de vos vêr desesperada
« Mata-me, eu o sinto bem, — não sei soffrel-a. »
» = Bemdito seja Deos — sempre o esperára!
« Perdoa, Cavalleiro generoso,
« Se duvidei de ti. — Hei esquecido
« O que queres esqueça. Mas agora
« Urgente é o perigo. » — Então lhe ensina
O caminho, que leva aos subterraneos
Do immenso Castello. Recontou-lhe
O que ouvira a Theophilo. = « Oh salvai-o. »
Disse ao partir, e sem ouvil-o foge,
Deixa só Amedeo, sem que esperasse,
O que esperar não deve. Subtraío-lhe
O pranto, enternecida que derrama, —
— Prudente foi. — Que ao vêl-a debulhada
Em lagrimas, que tráem demasiado
A terna gratidão; talvez ao moço
Forças faltassem, p'ra vencer no peito
A paixão, que assim mesmo a custo opprime.
O véo que vê por terra elle apanhou-o,
Banhou-o tambem de lagrimas ardentes
« Servil-a vou » bradava, de amor cheio
« Embora contra mim. Eu proprio vôo
« A salvar o rival que me prefere. —
« Embora — vamos — saiba Reullura
« Que tudo lhe imolei. Talvez pereça,
« Vendo-a de outrem nos braços; mas que importa,
« Se quando morra me dever a vida. »

Dalli se foi. — Por dentro da ventana,
Segue os passos a moça. A pluma branca
Nocturna a briza agita; a armadura
Do luar o clarão alumiava.
A Espada ao seu lado lampejando,
A airosa estatura não escapão
A's vistas da donzella — e quando cuida
Que o amante vai salvar; então compara-o
Ao archanjo invencivel, que ha mandado
A' terra um Deos piedoso, p'ra defêza
Da innocencia opprimida, p'ra flagello
Da malvada impiedade.
Oh se o soubera elle! — se soubesse
Quem o segue co'a vista, quem lastima
Não poder premial-o, qual merece; —
Mais zêlo não tivera — que o não houve,
Nem póde haver ardor, que o seu supere.
— Mas menos se queixára, e por bem pago
Se déra do serviço que exigirão. —

# REULLURA

## POEMA.

## Canto Terceiro.

> So young, so beautiful, so good, so pure,
> To suffer this, and yet be unavenged.
>
> BYRON (*Marino Faliero.*)

JA' raiava o novo dia,
Surgia o sol glorioso.
A Aguia, do ar Soberana,
Ante o Globo luminosò,
Vai homenagem levar,
Sua vassallagem prestar.

Ao divino Creador
Ora as aves, despertadas,
Em seus cantos de harmonia,
Entoão novo louvor.
Começava o novo dia
Novo ser, nova harmonia.

O Quadrupede na terra,
Como o Passaro no ar,
Brado agradecido ergueo,
O novo sol a saudar.
Bemdiz toda a natureza
De Deos suprema grandeza.

No Mosteiro venerando,
Ouvem-se as campas dobrar,
Que os religiosos despertão,
P'ra o matutino rezar.
Para o choro caminhando,
Vão ora os monges rezando.

Ora do Torreão surde a donzella,
Mais formosa que a aurora. Como a aurora,
Chorosa vem. Das aves a harmonia
Sua alma não tocou; inda mais grato,
Mais harmonioso conto esse que espera.
Ao ruido menor ouvidos presta. —
Se uma folha tremeo — se sopra a briza —
Tudo a assustou. Oh susto deleitoso,
Precussor de entrevistas amorosas,
Socio eterno de amor, em peito virgem! —
Receia respirar — mais um momento,
Vai o mundo esquecer. — Eis-lo chegado —
O amante a seus pés. — De beijos cobre
As mãos da virgem, que o rubor enfeita;

= « Sigismundo » = p'ra mais faltão-lhe as forças;
Rompe a chorar — e ambos em silencio,
Expressar seu sentir aos olhos deixão.
Assim ficão por muito. — Té que a moça,
Que este silencio assusta, a mudez quebra:
= « Como te vejo aqui? — abençoado
« Seja o nobre Amedeo » Então narrou-lhe
Como, naquelle instante pavoroso,
Em que o vira prender, desesperára:
Como, do amor a timidez vencida,
Convocára Amedeo; porém supprime
O atrevido discurso, que ha jurado
Sepultar em eterno esquecimento.
= « Mas tu » lhe diz « agora me relata
« Como o joven heróe consegue intral-o
« O horrendo calhabouço, como rotas
« Forão tuas prisões, como escapaste
« Aos vigilantes Guardas; nem te esqueça
« O artificio dizer, que has empregado,
« P'ra ao Castello voltar, para fallar-me. »
Alli, como a proposito, um penedo
Assento offerecia: ambos sentados,
Elle as mãos apertando da donzella,
Assim inceta o conto. = « Reullura,
« Devo-te a vida. Mais amor não juro;
« Que não sei amar mais — porém é grato
« O pensar que sem ti a luz não víra.
« Viste como de ferros carregado

« Fui por ordem dos teus. Negra masmorra
« Foi-me aberta: cerrou-se a bronzea porta
« Sobre o infeliz, e alli ficára entregue
« Aos tristes pensamentos. Não temia
« O furor dos algozes. Se pensava
« Na minha sorte; sem pavor antolho
« O terrivel futuro, sem receio.
« Mas quando a tua imagem, desmaiada,
« Punha no imaginar — quando ignorava
« Se a vida recobráras, ou se, em vida,
« A's instancias do pai cedido houveras; —
« O inferno peores não encerra
« Castigos, para os réos de altos delictos,
« Do que então padecia, desesp'rado.
« Poupar-te-hei o conto de alongadas horas,
« Que uma a uma esgotei; — a eternidade
« Pareceo-me essa tarde. Negro o carcere,
« Mal podia alli vêr humidos muros. —
« Quanta miseria, igual á que eu carpia,
« Testemunhas caladas, presenciado
« Terão essas masmorras — que os tyrannos
« Da bella Gallia erguêrão, para os povos!
« Nestas idêas todo estava absorto,
« Quando a campa soou. Doze pancadas
« Me advertírão das horas. Eis sentia
« Que as portas vão abrir. Luzes brilhávão,
« Pallidas luzes, qual clarão das tochas,
« Que os finados conduz á sepultura.

« Vejo ante mim Theophilo, embrulhado
« Em negro manto; — ainda são mais negras
« As idêas que occulta. Convenci-me
« Que a minha hora chegára. A resistencia
« Inutil era; — c'o elle vem Sisnando,
« E mais dous homens de armas. Triste a vida
« Começava a pezar-me. — Se o assassino
« Viera só e inerme; obedecera,
« Qual então fiz. A morte contemplava
« Como um celeste dom, que ía livrar-me
« De vêr-te a Fontenai p'ra sempre unida.
« — Tirão-me elles p'ra fóra. = Altos commandos
« Trazemos p'ra mudar-te = disse o Grego,
« E emudeceo. = Não queiras desfarçar-me
« A sorte que me espera. Certo é grande
« A mercê de Rollando; pois me envia
« Tão digno messageiro. = Torna o outro
« = Sabel-o-has a seu tempo. Ora, obedece =
« Encaminhão-se então, indo eu no centro,
« Os Guardas carrancudos. Seu caminho
« É para os subterraneos. Já chegámos;
« Ante o alçapão parou-se a comitiva,
« Levantal-o já vão = um só momento =
« Ao algoz suppliquei — ajoelhando,
« A lua contemplei. = Astro formoso,
« Adeos p'ra sempre. Leva ao Omnipotente
« O meu ultimo voto. Reullura
« Possa viver feliz. » = interrompendo-o,

A bella suspirou. = « Cruel ! e ousaste
« Conceber a esperança injuriosa
« Que o podia sem ti ! » = disse e corára,
Nas lindas mãos formoso esconde o rosto,
Onde scintilla amor. = « Não, adorada,
« Tal não pensei — mas quando a eternidade
« De ti me ía apartar; soffrer não pude
« A idêa de deixar-te desgraçada.
« — Mas já entro. Na entrada permanecem
« Os Guardas. Só Theophilo e Sisnando
« Entrão co'mi. — Já o alçapão cadente
« Ia p'ra sempre á terra subtraír-me —
« Já puchão dos punhaes — quando um guerreiro
« Subito corre a nós = ah scelerados,
« Suspendei = sembra raio fulminante
« A espada que vibra. Os guardas fogem.
« Theophilo de balde corre á bôcca
« Do alçapão, a fechal-o. — Eis-lo comnosco —
« Saltou dentro o mancebo. D'um só golpe
« Sisnando atterra. O outro, espavorido,
« Escapou-se, e o Guerreiro generoso
« Faz caír aos meus pés duras algemas.
« Saímos ambos. Outra vez contemplo
« O estrellado ceo. A' luz amiga
« Do astro nocturno, vejo o Cavalleiro,
« Conheço o salvador, que o ceo me envia.
« Elle era o Cavalleiro de armas brancas,
« Que ao teu lado admirára, não sem zêlos,

« No funesto banquete, onde eclipsava
« Todos os mais. = Mil graças Cavalleiro,
« Pague-vos Deos. = Não falles de ventura =
« Com ar severo diz = a um desgraçado,
« Matão-me as tuas graças. — Insta o tempo,
« Comigo vem. = Eu vou; mas tu primeiro
« Dize como ficou . . . = Interrompeo-me
« = Salva está. Tu lhe deves a existencia,
« Ella a ti me mandou. Poupa-me o resto =
« Segui-o eu. O dia começava
« A despontar apenas. Já baixada
« Fòra a ponte. Chegámos junto á porta.
« Quem vive! = perguntou a sentinella
« = Amedeo de Joinville. = Já passámos
« O ultimo perigo. Ao fim da ponte
« Espera-te um cavallo, que um meu pagem
« Para lá conduzio: monta ligeiro:
« Foge Rollando. — Foge, se poderes,
« P'ra sempre este Castello, onde não sabes
« Qual o mais fero imigo que deixáste. =
« Continuei só. Em breve encontro um pagem,
« Com um cavallo á mão; monto — ao galope
« Breve o metti. — Olhando p'ra a muralha,
« Inda vi o Cavalleiro. Parecia
« Soffrer agonisante sob o peso
« De alguma dôr pungente. A frente baixa,
« Encostado na espada. Dentro em pouco,
« Perdi-o de vista. — Mas essa figura

« Seu elmo relusente, que obumbrava
« Pluma branca; seu porte magestoso
« Na alma impressos conservo. — A Reullura
« É segundo em affecto. — Seu conselho
« Bem vés que não segui. Não fujo os muros,
« Que a minha bella encerrão; torneados
« Forão por mim. Entrei por outras portas,
« Sem ser visto das velas. — Sou ditoso,
« Já que pôde chegar. O teu aspecto
« É como a primavera, que afugenta
« Todos os restos do besonho inverno. » =
= Disséra. O sol, no curso adiantado,
Já os cumes dourava, c'o as ameias
Das torres elevadas. = É forçoso
« Separar-nos, querido. Já é dia.
« Despertão todos. Corro ao aposento.
« Adeos. Conta comigo; c'o a constancia
« Do vehemente amor, que a alma incendea.
« Antes que a outrem preste o juramento,
« Que unico a ti prestei; do Padre as iras,
« Do impeto fraternal, peor que a morte,
« Tudo juro affrontar » = ajoelhava
O enternecido amante. Outra vez beija
Da amada a mão formosa. Retirou-se
A donzella p'ra a torre; Sigismundo
Segue-a c'o a vista: portas importunas
Da bem amada as vistas lhe roubárão.
Moveo-se então. — A custo vai marchando

Do lugar, onde encantos contemplára;
Onde ao pé de ella, de osculos ardentes
Gentís as mãos cobrio. — Nisto cuidando,
Já a porta tocou. Saíl-o virão
As velas, sem suspeita; a salvamento,
Na campina, o corcel já remontava.
Ao passo segue, até que desparecem,
Na distancia, as ameias do Castello.

Não longe do Castello, onde os dominios
De Rollando terminão, se elevava,
Tão velho como a terra, espesso bosque.
Quando os Gallos aos Francos vencedores
Cederão a final; os mais valentes,
Retirados do bosque nos reccintos,
Errante independencia mantivérão.
Corrêrão tempos. Hoje a fugitivos
Do poder feudal, asylo presta.
Os que soffrer não podem ferreo o jugo
Para lá se acoutárão. — Dos despojos
Pela força colhidos, nas campinas
De seus senhores subditas, vivião.
Des que Rhodon governa, tem crescido
Dos facciosos o numero a ousadia.
Bandos armados assolado havião
A visinha planicie, e sangue illustre,
Por vezes derramado, ha provocado
As iras dos mandões, sua vingança.

Sabia o Sigismundo. Descendia,
Ou julgava descer, dos moradores
Da Gallia antiga. Aos poucos pertencia,
Que ainda o sangue proprio blazonavão
Misturado não ter c'os invasores
De Germana accendencia. Conhecia,
Um por um, dessa selva formidavel
Esconderijos todos. Bem amado
Dos partidarios era. Julio Antonio,
Terror dos orredores, destemido
Capitão dos bandidos, o creára,
Des da infancia. Os laços familiares,
Com os do sangue o prendem ao mancebo.
De pai servio-lhe. Como o pai morrêra,
Deixando o orphão; como a seus desvellos
Devia-o ser; Antonio não contára.
Ao mosteiro o levou. Aos Santos Padres
Recommendado foi não revelassem
O nefando mysterio. Pelos monges
Embebido nos classicos estudos,
Odeia a tyrannia, que usurpára
O territorio Gallo. Ardente, esquece
Que o tempo, ambas as raças confundindo,
Alfim legitimou dura a conquista.
Com o codigo Romano, esse tecido
De barbarias, francas leis chamadas,
Indignado compára. Antonio astuto,
Longe de reprimir taes sentimentos,

C'os discursos o inflamma. Prometteo-lhe
Que um dia lá viria, em que a seus olhos
Verdade horrenda exponha, offensa crua,
Que mais cruel vingança inda reclama.
Entretanto, dos monges educado,
Nas sciencias desses tempos progredia.
Esperanças concebem seus tutores
De ser por elle a ordem illustrada,
E quando Reullura do Castello
Um preceptor sagaz lhes requerera;
Nenhum, melhor que o joven Sigismundo,
Para tarefa tal elles julgárão.
Dos annos verdes a jocosa tinta
Nelle o rigor da sciencia temperava;
Amor unio o mestre c'o a pupilla,
E assim seus destinos se mudárão.

Já a selva passára o aventureiro:
Accende a serra proxima: o cavallo
A custo ingreme escarpa acommettia.
Parou alfim, de humilde choça á porta.
Bateo. — « Quem é » — pergunta, lá de dentro,
Rouca voz. A' reposta conhecida
De Sigismundo abrio. Rinchão cavallos,
No interior, saudando o companheiro,
Que vinha da derrota. Pendem armas,
Sellas, arreios, negras nas muralhas.
Enorme tronco dentro o focco ardia,

Em torno ao qual um grupo se aquentava.
Faces sinistras são. Pende á cintura
De cada qual machado ponderoso,
O aguçado cutello. Não são Nobres;
Que esporas ferrugentas, meios rotos
Os borseguins, não calção cavalleiros.
Conferião os tres: alta materia
Sembravão discutir. Com um leve aceno
Saudárão o moço, sem fallar-lhe.
Um delles com a mão mostra o caminho,
P'ra o interior da choça. N'um recanto
Um leito jaz: sobre elle recostado
Pállido vulto; sembra já finado
Quem alli jaz: inutil apparelho
Mal o sangue contém, prompto a jorrar-se.
Olha-o o mancebo. — É elle — o adoptivo
Padre, a cujo carinho tudo deve.
Vêl-o — abraçal-o — deplorar seus males —
Triste a causa inquerir foi um momento
P'ra Sigismundo. O velho pôde erguer-se,
P'ra o abraçar tambem, e como exhausto
Do esforço, recaíndo, assim fallava.
= « Vou morrer Sigismundo. Os inimigos
« Que tua irmãa, teu padre assassinárão,
« Tambem me hão morto. A hora está chegada,
« Em que cumpre instruir-te dos arcanos,
« Guardados até aqui. — Suspende o pranto.
« Não me interrompas. Já poucos instantes

« Da existencia me sobrão. Não percamos
« Um tempo precioso. — Mas primeiro,
« Jura, sobre este ferro, que hás vingal-a
« Tua offendida raça, a honra tua,
« A do padre, da irmãa. » Assim dizendo
A espada ao mancebo appresentava.
Jurou elle vingar esses delictos,
Que ha muito arde em desejos de sabel-os.
Surrio o moribundo, e em voz baixa,
Já da morte cortada, assim começa
O conto merenchorio.

« Nessa campina formosa,
De Rollando dominada,
Cultivava a parca herdade
Heleno pobre e honrado. »

« Hymeneo, que contraíra,
Uma filha lhe outorgou,
E depois da filha, um filho,
Que ao nascer a mãi matou. »

« Mas a filha já chegára
A' idade encantadora,
Em que póde consolál-o,
Dessa, que tanto chorára. »

« Egialea era o seu nome,
Flor de innocencia e belleza.
Alma tinha tão singela,
Qual a fórma a natureza. »

« Nella o padre se revia,
Era o unico seu bem:
Bençãos mil, para esta filha,
O bom pai ao ceo pedia. »

« Quando a vião os pastores,
Na campestre brincadeira;
Do menestrel á harmonia,
Quando dansava ligeira; »

« Cuidavão a imagem viva,
Em nossa Igreja pintada,
Que representa Maria,
Dos anjos acompanhada. »

« Expirou, por essas eras,
Do Gram Rollando a consorte,
E com ella a protectora
Dos vassallos leva a morte. »

« Viera da Palestina
Rhodon, moço endurecido,
Surdo do povo ao clamor,
E dos pobres ao gemido. »

« Esse Theophilo indigno
Lá do Nascente trouxera,
Para verdugo das gentes,
Que a sorte lhe submettera. »

« Sua perversa natura
Contra nós exercitou,
E a ventura dos vassallos
Em crua sorte mudou. »

« Como era uso na campina,
Egialea a moça usava
De ir á tarde á fonte pura,
Que no orredor serpentava. »

« Um dia, que se assentára,
Na borda da fonte pura,
O soberbo feudatario
Trouxe alli sua desventura. »

« Apeou-se e vai fallar-lhe;
Mas a donzella córou:
Fugio delle, e em seus temores,
Alli o cantaro deixou. »

« Egialea espavorida
Ao padre o caso contou,
Elle que Rhodon conhece
Logo de susto enfiou. »

« Ai de mim somos perdidos ;
Filha , só resta fugir.
Antonio , a ti a confio ,
Nos bosques vai-a sumir. »

« E eu partia , quando a porta
Ingente força arrombava.
São Sisnando , os homens de armas —
É Theophilo que entrava. »

« Em vão tenta resistir-lhe
Heleno desesperado.
Da forte enxada que empunha,
Dous delles tem atterrado ; »

« Mas outros promptos acodem ,
Um por traz descarregou
Cutillada furibunda ,
Com que por terra o prostrou. »

« Corro a elle. Outra pancada
Sem sentidos me estendeo ,
Ao pé do irmão. A companha
Co'a moça despareceo. »

« Quando á vida regressára ,
Estavas tu junto a mim.
Teu pai , do golpe tremendo ,
P'ra sempre tivera fim. »

« Tu choravas ; eu tomei-te
Nos braços, compadecido.
Apertei-te junto ao peito ,
De tanta magoa opprimido. »

« E logo fui ao Castello ;
Aos pés do Grego insolente,
Ver se delle conseguia
A salvação da innocente. »

« P'ra salvál-a era já tarde ;
Já o amor abominado
O roubador voluptuoso
Tem no crime saciado. »

« Além da ponte encontrei-a ,
A victima deshonrada :
Em pranto amargo , do pejo ,
Vem a infeliz debulhada.

« Não veio a mim, qual usava ,
Em seus dias venturosos ;
Levantar ora não ousa
Inchados olhos chorosos. »

« Não te conto o lamentavel
Desastre. Não pintarei
O estado doloroso,
Em que a misera encontrei. »

« Farto o amor, mandou lhe déssem
Uma bolsa, de ouro cheia;
Como se ouro reparasse
Aquella offensa tão feia. »

« Indignada, regeitou-a
A moça desesperada.
Amaldiçôa o tyranno,
Da sua desgraça animada. »

« De tal audacia irritado,
Mandou-a o Grego expulsar;
Com infamia, com desprezo
Do Castello degradar. »

» Conduzi-a á casa pia,
Onde a misera encontrou
Breve o fim aos males todos,
Que o coração lhe estallou. »

« E a ti? — a monges sanctos
As desgraças recontei;
Tua infancia, sem amparo,
Aos cuidados seus confiei. »

« E eu p'ra a selva, para as serras
Vim juntar-me aos desgraçados,
Oppressos da tyrannia,
Por justa vingança armados. »

« Minha espada, por fortuna,
Minha vingança servio;
Mais de um barbaro nos gumes
Seus destinos concluio. »

« Proezas, felicidades
Meus companheiros croárão;
De seus bandos destemidos
Capitão me proclamárão. »

« Até hoje te escondera
Tua historia lastimosa,
Que a tua alma receava
Indomavel, impetuosa. »

« Para com fraterna a sombra,
Julgava santo dever;
Preservar o filho caro
Do ferro, que o fez morrer. »

« Mas tu mesmo foste ousado
Minhas cautelas baldar;
O furor dos inimigos
Foste proprio provocar. »

« Agora pois, que sem p'rigo
Não póde jámais calcar
O terreno, onde tyranna
A bandeira tremular; »

« Ao menos seja temido
O teu braço valeroso;
Não sejas fraco inimigo,
Sem temor aborrecido. »

« Nesta hora dos amigos
O consenso consegui,
Para que acceitem o Chefe,
Que ante a morte lhe escolhi. »

« Herda a espada, herda a vingança,
Sê meu digno successor:
Sem ciumes, dos finados,
Ver-te-hei eclipsar meu valor. »

« Se algum dia no combate
Vires o matador meu,
O Guerreiro, a cujo braço
Só cedera o braço meu. »

« Pintar-te o hei, p'ra que o conheças,
O homem mais valeroso.
Se com elle te medires,
Dos golpes sê cauteloso. »

« Na manhãa eu explorava,
Seguido d'um companheiro,
Na selva idoneo lugar,
P'ra golpe que preparava. »

« Divisei, entre o arvoredo,
Forte o Cavalleiro, armado
De escudo branco, de adornos,
Qual nós outros, despojado. »

« Corro a elle: os dous cavallos
No mutuo choque acuárão.
Mil golpes forão parados,
Os escudos se quebrárão. »

« Embalde o meu companheiro
A auxiliar-me correo.
Com tremenda cutilada,
Por terra logo o estendeo. »

« Ferido eu, abandonado
Do sentimento fiquei.
Como morto, sobre o solo,
Meu melhor sangue esgotei. »

« Esses tres, que a mim topárão,
Conduzirão-me até aqui,
Vãos remedios ensaiárão,
Minha vida conclui. »

Calou-se então. — O moço contemplava,
Em mudo desespero. — O moribundo
A mão lhe deu. — Aperta-a junto ao seio,
E n'um suspiro só a vida exhala. =

« Cumpre vingar-me. Cumpre c'o esta espada
« Buscar o coração do Cavalleiro,
« Que Egialea violou. Santa Donzella,
« Manes de Antonio, recebei meus votos. »

# REULLURA

## POEMA.

## Canto Quarto.

> Oh fly. I will bring thee to a lovely spot,
> Where our hands shall be joined and our sorrow forgot.
>
> BYRON (*Siege of Corinth.*)

Tremúla do Castello alta a bandeira;
Nobres pendões, ao vento abandonados,
As ameias enfeitão. Já se armárão
Os erectos balcões. Alegres cantos
Os vassallos entoão, preparando
Brilhante festa; que hoje é o grande dia,
Que se espera o bem vindo, o destinado
Noivo de Reullura. Caracollão
Os ginetes soberbos, emproando
Curvos os collos, de ondulantes crinas,
Sob a mão dos Senhores, cobiçosos
Dos promettidos prémios no torneio,

Em gloria do hymeneo que ha celebrar-se.
Ligeiros voão guardas, excitando
Os operarios; ora com promessas
Os activos animão, com pancadas
Ora os lentos punindo. Presumpçoso
Rhodon os cavalleiros ajuntava;
Para encontrar a Eudes, na campina,
Fóra das portas, honra que Rollando
Manda fazer á nobre comitiva
Do illustre Bourguinhão.
Amedeo onde foi? — procura o Rhodon.
Do torneio futuro glorioso,
Onde palmas colher com elle espera,
Quer-lhe indicar os splendidos preparos.
Rollando o nomeou p'ra companhia
Que o noivo ha de esperar; — honra tamanha,
Que tantos appetecem, o mancebo
Porque não agradece. Mil lembranças
Ao inquieto parente assustão a alma.
Pagens despede, manda os escudeiros
Investigar seus passos. — Sentinellas,
Na alta manhãa, o virão do Castello
Para o campo saír, e desde entonces
Jámais appareceo, ninguem o vira.

Eis-lo ahi vem — a pé — do pó manchadas
As brancas armas. Sembrão côr da terra;
Se não fôra o vermelho que as tingia.

Corre a elle Rhodon. = « Irmão meu de armas,
« Que vejo — sem cavallo — teu é o sangue,
« Que as armas cobre ? » = « Não, do teu amigo
« Este sangue não é. » Torna-lhe o joven
« Da aurora ao nascer, saí das portas,
« E nas selvas visinhas entranhei-me,
« Do pensar acoçado. Me assaltárão
« Dous ruins villões. Foi facil a victoria
« De um dos dous; mas a custo hei triunfado
« Dos esforços do outro. — Nem nos plainos
« Do inimigo Oriente, ou nos torneios
« De ElRei Luiz na corte cavalheira,
« Sarraceno ou Christão tenho encontrado
« De braço mais possante, mais ardido
« Em manejar a espada. Não seria
« Indigno de Rhodon duro o combate,
« Com adversario tal; posto que indigna,
« Não cavalheira sua nascença fôra. »
= « Crede » disse Rhodon aos circunstantes,
« Que esse atrevido fôra Julio Antonio,
« Terror destas campinas. Se o teu braço
« Do perverso livrou-nos; não pequeno
« Galardão merecerás. Esse malvado
« Tinha valor de nobre, com costumes
« De sordido villão. » = « Oh se o soubera
« Que me o concederias. . . . » = « Não duvides »
Rhodon lhe diz « que apenas concluido
« O hymeneo Bourguinhão, Alfredo unindo

« Com as nossas as armas poderosas ,
« Serão exterminados. » = Taes palavras
Gelárão Amedeo. O que não fôra
Seu poder reprimir, calou-o agora.
Pállido está. = » Cançado » disse o amigo
« Da aventura virás. Vai despojar-te
« Do trage empoeirado ; — descançado ,
« Outra armadura veste ; que convenha
« Com a alta missão, que nos confia
« Muito nobre Rollando. » = Parte o moço.
Corre a encerrar-se só : á dôr intensa
A custo reprimida , livre curso
Hermo soltava ; lento revestindo
Brilhantes armas , que lhe ha ministrado ,
P'ra a odiosa commissão , o generoso
Parente , que o mandou.

Mas a donzella , a linda Reullura ,
Entretanto o que faz? — Do padre ao lado ,
Porque a não admiravão Cavalleiros ?
No dia em que hymeneo aborrecido
Vai talvez suffocar toda esperança
De ventura na terra — mais não pôde.
— Da turva se escapou ; e o proprio Padre
Sua dôr respeitou. Basta que ordene ,
Quando o esposo chegar, que constrangida
Seja essa dôr , á qual inteiro o dia
Consentio dedicasse. — Oh despotismo !

Que julgas as paixões ao ferreo jugo
Escravas submetter — que não hesitas
Ordenar á donzella magoada
Finja rosto sereno, satisfeito;
Quando ao peso da dôr, prompto a partir-se,
O coração succumbe — quando a vida
Talvez com esforço tal a filha deixe.

Longe da praça, longe do tumulto,
No Castello uma torre se elevava
Antiga. Sobre o tecto carcomido,
O noutibó, os sordidos morcegos,
Ha tempo immemoriavel, são colonos.
Alli, no tempo antigo, quando a França
O rebelde Saxão ameaçava;
Vigiavão attentas as vedetas,
Os fogos dos signaes erão accesos.

No seu vasto interior, ora deserto
Uma alampada pende. A luz mesquinha,
Nas paredes as sombras reflectindo,
Ao temor as phantasmas representa.
Tudo em silencio, tudo repousava,
Um sinistre terror como inspirando,
Só uma voz soava, voz bem fraca,
Que em tão feio lugar sembra perdida.
Mal se ouvião mimosos os accentos,
Que o som no grande espaço se absorbia. —

Reullura , essa voz tão meiga e triste,
Era a tua. Os instantes concedidos,
A' tua magoa, sofrega aproveitas.
Foges ledos preparos; procuraste
Tão negra solidão, tal desamparo.
Não a temes. Que ha hi que intimidál-a
Possa na terra; quando invoca a morte,
A' magoa que a consome unico allivio,
Que ainda póde esperar. Amargo pranto
Tolda a luz de seus olhos, n'outro tempo
Rivaes do mesmo sol, que elle mais claros.
De quando em quando vistas inquietas
P'ra a porta converteo. Tudo receia
Venha annunciar-lhe a hora pavorosa,
Da chegada do noivo detestado,
Ao peito estreita a cruz; aos pés um livro,
Como lido inda ha pouco, jaz aberto.—
Ferventes preces dizante esse emblema
De dôres indisiveis, desenganos—
Em quanto em torno tudo mais resoa,
C'os gritos do prazer e do festejo.
Pobre Donzella! — O peito magoado
Não pôde commover do pai severo
O Coração, outr'ora tão amante.
Esse pai, tantas vezes deprecado,
De quem ha conseguido mercês tantas,
A favor dos vassallos, que a bemdizem;
Ora, p'ra ti mais duro do que o bronze,

Via-te perecer, sem que soltasse
Consoladoro sim, para salvar-te.
Esse com o Bourguinhão hymen funesto,
Que tanto a desespera, de alegria
É causa para o pai, p'ra o irmão caro,
Que por poupar-lhe bem menores magoas
Mil e mil vezes propria a vida dérão. =
« E hei de eu ser de Alfredo! O da Bourgonha
« Ha de ser o consorte, a quem ligada
« Toda a vida hei de ser. — Em quanto aquelle,
« O par que o coração havia eleito,
« O meu doce instructor, a quem meus annos
« Da virtude, da sciencia, e mais ainda
« Dos extremos do amor são devedores,
« Ha de na solidão ser desleixado!
« Ha de Alfredo, esse estranho, esse que ignoro;
« Que só sei pertencer a esses flagelos
« Da triste humanidade, a essa nobreza,
« De quem por minha magoa tambem desço. —
« Ha de elle triunfante conduzir-me
« Ao altar, onde amor apague o facho! —
« Embora sejas tu de sangue illustre,
« Dos Barões de Fontenai embora jactes
« Proezas, destructoras dos humanos —
« Não serás meu. Por ti, oh ente grato,
« A quem pertence toda Reullura;
« Por ti sagrada cruz, livro divino,
« Eu juro subtraír-me a tal tyranno.

« Juro. — Mas hei de ao padre venerando,
« Filha impia, levar aspero o golpe!
« Ha Reullura, a mais doce esperança
« Dos velhos annos, esse seu desejo,
« Essa alliança, a que aspira tão ardente,
« Por capricho de amor, por amor louco
« Transtornar — derrubar a prospectiva,
« Em que a felicidade ha constituido! —
« Ah morre Reullura! — antes perece.
« Quando amor a virtude ousa rebelde,
« Ousa ovante attacar; foge a ventura,
« Da existencia o durar é cruel pena,
« É tormento. Se alfim a paixão vence,
« Ou se vence o dever, o que succumbe
« No triste coração conserva o imperio.
« Róe a vida o remorso, e a mais cruenta
« De entre as mortes á vida é preferivel. —
« Oh Cruz Santa! Oh tu que padeceste
« Tormentos sem iguaes sobre este lenho,
« Lança, do throno excelso, olhar divino
« Sobre esta alma, que igual paixão sustenta.
« Vés a agonia. Tu Senhor me inspira.
« Tu sejas ante mim quem leve o facho,
« Quem em tal incerteza me conduza. » —
Mal a oração a moça terminava,
Que passos resoavão junto á torre.
Ella estremece, á pressa se levanta, —
Corre á porta. — Nos braços a estreitava

Um Monge. — Os labios ternos recolhião
As lagrimas, que os olhos innundavão.
Um Monge! — ah não — o olho côr da noite
Tão soberbo não brilha n'um novato,
De Mosteiro Sagrado. A arrogancia
De seu modo guerreiro decelava,
Atravez o seu habito, que o sáio,
Que a terrea côr encobrem a verdade.
Bem depressa a teus pés, ó Reullura,
Tem elle as vestes santas já despidas.
Do aço reluzente uma couraça
Seus membros marciaes já não encobre:
Sob as plumas do gorro, amarelladas,
Essa frente morena melhor cabe,
Que sob o humilde trage do mosteiro.
« Segue-me o bem amada. O tempo corre.
« Foge a hora, fugil-a se deixamos.
« Vem: os nossos cavallos nos esperão,
« Mais rápidos que a setta hão transportar-nos.
« O momento chegou. Não ouves gritos,
« Os festejos na praça do Castello? —
« A'manhãa talvez seja derradeiro
« O Sol que ha de acclarar-te, inda liberta.
« Esperei. A teus mandos submettido,
« Demorei: mas a hora está chegada.
« O raio, que suspenso tinha a nuvem,
« Agora vai caír — ah evitemos
« A quéda desastrosa. — Porque hesitas?

« Esperas inda o padre ser sensivel ? —
« Não te lembras — e eu sou quem te o recordo ! —
« Quando com voz severa, ar soberano,
« A receber Alfredo, a esquecer outro,
« Rollando irrevogavel te intimára ?
« Foge. — Comigo vem. — Eu sei de um bosque,
« Não longe destes campos, onde outr'ora,
« Meus padres, mais felizes, dos Romanos
« Os foros liberaes livres gozavão.
« Alli, aonde em tempos de ventura,
« O Cidadão Romano meditava ;
« Onde, antes de elle, os Druidas venerandos
« Os ramos do carvalho, o *Gui* cortavão ;
« Alli tambem será de amor o templo.
« Alli pobre e acanhada grei conserva,
« Livre da escravidão, de homem direitos.
« Indo comtigo, lá serei ditoso ;
« Deos, que as aves do ceo não desampára,
« O par que amor unio, que a rasão liga,
« Não ha de abandonar. — P'ra ti meu arco,
« As fugitivas feras alcançando,
« Nunca o tiro errará, e quando a presa
« As fadigas do dia houver croado ;
« Junto a ti, minha harpa harmoniosa
« Fará passar a tarde em ocio doce.
« Longe de algozes, segue-me oh querida.
« Segue-me, onde a igualdade primitiva,
« Sem temor de cadeia, retratemos.

« Nada temas. — Acaso desconheces
« Quanto, bem como a ti, amo a virtude?
« Deixar pelo amante, pelo esposo,
« Pela rasão um pai, que tyrannisa;
« Não é crime; ou se o é, menos me indigna
« Que o amante deixar, porque nas armas
« Brazão menos altivo se divisa,
« Porque de Fontenai soberbo o filho
« Quer ser o teu consorte, e teu tyranno. —
« Ah Reullura! — tu — ser prémio e c'rôa
« Do orgulhoso oppressor da humanidade! —
« Essa cruz, esse livro, obra divina
« De um Deos homem, acaso te hão mandado
« Odiosos deveres? — Nelle has visto
« Que devão ser os pobres desleixados? »
Assim dizia o moço. — Ella banhada
Em torrentes de lagrimas, imagem
Da exasp'ração, a misera no peito
Sente duros combates; tantos golpes
Lhe dilacerão a alma tão sensivel.
Quasi morta, extincta a voz, o amante
Pertende em vão reter. Elle p'ra a porta,
Mal acabára, os passos dirigia.
Parou porém — e ella collegindo
Exhaustas forças, diz-lhe « Ah Sigismundo,
« Viver comtigo, ser de ti presada
« De Reullura foi sempre o desejo.
« Tudo aqui, essa cruz, o santo livro,

« Attesta meus amores desditosos.
« Mas esses Feudatarios, esses homens,
« Do direito da guerra promotores,
« Elles são meus. Eu de elles tiro a vida,
« A vida, dom pesado que aborreço;
« Já que para te a dar não me a outorgárão.
« Sou o consolo de um pai, de um pai amante,
« De um pai que adoro, mesmo quando opprime.
« Victima de uma estrella malfadada,
« Desgraçada serei; porém sem crime.
« Não sigo, oh Sigismundo, os teus furores;
« Deveres differentes nos prescrevem
« Diversas posições. Filho do Gallo,
« Contra os da patria tua roubadores,
« Sangue, natura, tudo deve armar-te.
« Eu só o amor — e a sciencia — dom funesto,
« Que os olhos sobre os erros de meus padres
« Cruel me abrio — me ordenão que te siga.
« A virtude, a natura me o prohibem.
« Menos firme, de ti seria indigna
« A triste Reullura. Ah! eu te adoro:
« Sinto que só por ti, e sem ti nunca,
« A vida gozarei feliz e longa.
« Mas conheço o dever. Aspera lucta
« No moribundo peito hei padecido.
« Inda quando o dever fica eminente,
» É o amor mais forte, elle o domina.
« Se de ti fosse digna Reullura,

« Fugitiva do padre, desertora,
« A's leis as mais sagradas insultando;
« Talvez, oh Sigismundo, eu não tivesse
« Assás virtude p'ra ao dever guardar-me.
« Mas esse mesmo amor, essa ternura,
« A confiança, que em ti hei posto, amante,
« Mandão-te que os teus impetos retenhas.
« Amo-te mais que a vida; mas a estima
« Faz que tal confissão não hei temido. —
« Antes por essa mesma eis te obrigado
« A não fazer abuso da fraqueza.
« Respeita em mim a victima á virtude,
« A' filial piedade consagrada! —
« Mas tu amor — tu, causa de meus males,
« Senhor desta alma que has espedaçado,
« Juro por ti, que Fontenai, que odeio,
« Nunca ao altar verá a Reullura.
« Em virgindade eterna à curta vida
« Juro passar. — Ao padre, e a Sigismundo
« Minha triste existencia eis imolada. »
Dissera a moça, e o extremoso amante,
Carinhosa e severa, removia.
A Sigismundo, que assombrado a mira,
Parece que dos Ceos descende um anjo,
Sob as azas que encobre essa beldade,
Já de santo decoro rodeada.
Qual misero, que o raio fulminante
Na carreira veloz ha percutido,

Immovel fica, tremulo e sem falla,
E por muito conserva essa attitude,
Em que o tiro de morte veio feril-o;
Assim fica o mancebo, immovel, frio,
Como de alto poder paralysado.
Quer instar; mas não sabe — a vista treme,
Já não ouve, não sente — só resoa
Confusa, nos ouvidos, a sentença,
Que para sempre a esp'rança aniquilára.
Convulso ía caír — se a forte espada
Aos giolhos, que dobrão, não prestasse
O vigoroso apoio. — Ella entretanto
As forças collegío — muda e esquiva
Aproveita o instante, e para a porta,
O amante conduzindo, desparece
Ligeira qual a anta, quando foge.

« Pára cruel — escuta — a que perigos
« Tua raça exporás — qual te parece
« Sigismundo não é — amigos promptos
« Para a vingança tem » = gritava o moço.
Ella o não ouve já. = « Cruel, fugiste,
« Tiveste força para abandonar-me,
« P'ra deixar este corpo de que és vida. —
« Oh Ceos — oh prejuizos! — oh natura
« Tudo contra o infeliz se ha reunido!
« Vós, que fazeis virtude o homicida,
« Neste misero solo haveis firmado,

« Demonios infernaes, throno execrando,
« E inabalavel. — Ora, por que vivo?
« Por que a vida conservo detestada? —
« Para mim acabou toda a ventura;
« A esperança morreo, essa do homem
« Unica companheira, na desgraça. —
« Pois se vivo — eia viva. Em vez de esp'rança,
« Anime-me o desejo de vingar-me.
« Viverei p'ra a vingança, p'ra flagello
« Desses crueis, que a vida me roubárão.
« Se a ventura, se a dita me interdizem,
« O socego por mim ser-lhe-ha tirado. »

# RAULLURA

## POEMA.

## Canto Quinto.

> Peace to the brave whose blood is spilt
> Woe to the Giaour — for his the guilt.
>
> BYRON (*Giaour*).

Sigismundo partio. Deserta a torre
Nenhum dos dous amantes já povoa.
Sob as passadas do cavallo leve,
Inda geme a calçada do Castello.
O Cavalleiro o exita. Já chegára
A' ponte, que no fosso jaz suspensa.
A' esquina torneou — á pressa a passa,
Aos olhos da vedeta subtraído.
Continúa — mas antes que passasse,
Olhou em roda, qual por derradeiro.
Um momento reteve o veloz bruto, —
Um momento a carreira lhe interrompe. —

Um momento se ergueo sobre os estribos.
Mas por que olha para os altos parapeitos;
Armas que odeia luzem na alta torre;
As luminarias ardem sobre o muro; —
Os fogos, de alegría rutilantes,
Assás lhe mostrão o zêlo dos vassallos,
No festejo dos Grandes, que aborrece. —
Não são estes objectos que contempla:
Não vê das luzes, não vê das fogueiras
Os lucidos clarões. Não ouve os gritos
Da servil populaça, que os vigia.
Absorto no pensar estava elle —
Algum temor no rosto se divisa; —
Mas breve em seu lugar sentou-se o odio.
Nem veio este co'a tinta côr do sangue,
Com o córar das iras passageiras;
Mas pallido; qual marmoreo sepulcro,
Cuja alvura realça o merenchorio.
Baixa a frente, as muralhas contemplando,
Na terra converteo o olhar terrivel. —
O braço levantou, com gesto irado, —
No espaço vibrou feroz a dextra.
Em quanto hesita entre o regresso ou fuga;
Impaciente da fuga co'a demóra,
Ha rinchado o cavallo côr de corvo; —
Acorda o cavalleiro — qual desperta,
Da cruja ao grito, o somno em sobresalto.
Do quadrupede o lado toca a espora:

Salta avante o ginete. — No galope,
Mais corredor que o vento, desparece.
Ha um momento, ainda a redea tinha
O soberbo animal alli quieto —
E partio — qual se a morte o perseguira.
Mas ah!, naquelle instante, na memoria
Parecerão resolver-se invernos longos.
N'um segundo de tempo, congregou-se
Toda a vida de dôr, de amor, de injuria!
Que sentio elle então? — n'um só momento
Opprimido por tudo o que sentira!
Dessa pausa, na qual a vida inteira
De subito pondera, ah quem reconte,
Ah! quem compr'hende a duração estupenda!

Foste-te Sigismundo. — E só fugiste.
Ai da hora sinistre em que vieste;
Ai da hora peior em que partiste.
Contra a vida de Alfredo despedido
Foi o raio, de morte e lucto agouro.
Nessa hora, Bourguinhão, marcou a parca
Do resto dos teus dias curto o fio.

Amor, Amor! — da vida se és deleite,
Tambem da vida és maior tormento.
Se um momento feliz — se uma ventura
A todos os prazeres é suprema;
Um momento de dôr, de desespero,

A que dôr, a que mal ha comparar-se.
Mas quem amor sentio; só esse diga
Se amor é bem; ou se é amor verdugo.
Amor tu só, tu só os teus castigos
Fazes queridos; por de ti provirem.
Maldiz o prisioneiro agrilhoado
As cadêas que os membros aferrolhão.
Busca o preso saír do ferreo claustro,
Busca o réo ao açoute subtraír-se.
Só o amante, ainda em desespero,
Adora seus soffreres amorosos.
Luta, sem desejar romper a algema,
E se algum meio de esquecer seus males,
Esquecendo o amor, fosse outorgado,
Qual na apathia fria recaíra? —
Qual quizera trocar de amor as penas,
Pelo maior prazer da indifferença.
Amor castiga; mas o seu flagelo,
Por isso que é de amor, senão é grato,
É pena amada. Asim a borboleta,
Que em torno á luz as azas vai queimando,
Ao malfezejo fogo se aproxima,
Foge a mão carinhosa, que á desvia;
Tal o homem suffoca o raciocinio:
Quando a esp'rança perdeo, amor não perde;
Vôa em torno de amor; amor respira;
Suspira amor — té no ultimo momento.

E o meu conto? — Aquelles cavalleiros,
De Rollando mandados, a encontral-o
O joven Fontenai, que tão ancioso
Espera o Castellão, onde os deixára?
Amedeo vai juntar-se á comitiva,
Mas já tarde. — Da porta tem saído.
Elle seguio seus traços, e corria,
Por entre a densa selva, p'ra alcançal-os =
= Alto = sente bradar. Ao mesmo tempo,
Por diante dous, por traz mais dous lhe cortão
A impetuosa carreira. = « Cavalleiro,
« Rende-te a nós; ou morre. » = Tira a espada,
Por reposta Amedeo. Mil golpes chovem,
Sobre o escudo, sobre armas que tingidas
De seu sangue vão ser. Só contra quatro,
Inda sustem a desigual peleja.
Té que o ferro o traío, nas mãos quebrado,
Quando dous adversarios tem mordido
A poeira. Dos outros apertado
Vê-se o inerme guerreiro: uma pancada
O elmo lhe partio. Cáe, dos esforços
Que tem feito exhaurido, duras cordas
A liberdade aos membros já prohibem,
E os dous villões com o corpo, triunfantes,
Atravez o arvoredo, ignotas vias
Seguindo vão, a miudo olhos lançando
Em torno a si, com medo de surpreza.
Em tanto o sol dos Vosges a cadêa

Já dos ultimos raios aclarava.
Posto era já, e os dous, com o cavalleiro,
Do antigo Castello a vista perdem.

O Bourguinhão não vem, descorçoados,
Pouco contentes, volvem os messageiros.
Treme Rollando. Aos ceos levanta os olhos
A piedosa donzella; em seu delirio,
Ousa esperar que o Deos compadecido
Um milagre obrará, por subtraíl-a
Ao duro sacrificio; a que intentava
O altivo Rollando constrangel-a,
Concluida a manhãa; quando uma noute,
Apenas, no Castello repousasse
O filho da Beurgonha.

Escuro está. A' porta arruinada,
Do templo abandonado, que se eleva
Da montanha nas fraldas, passeava
Attenta sentinella. Dentro o claustro,
Em ruinas a caír, é tosca banca.
Pende ao tecto candea, a luz sombria
Aos convidados dando, que assentados
Sobre troncos, sobre asperos penedos,
O repasto concluem. = « Sigismundo »
Um delles diz « bastante tem tardado.
« Receio que os tyrannos nos privassem
« Segunda vez do Chefe. » = « Isso que importa;

« Guerreiros temos nós que nos commandem,
« Melhor que esse mancebo inexperiente,
« Creado nos Conventos. — Bem o sabes,
« Enguerando, o meu voto foi contrario
« A acceital-o por Chefe. Destemido,
« Valente foi Antonio. Seu escudo,
« Não ha dúvida, foi amparo ingente,
« Ante o qual se partírão impetuosas
« As raivas dos imigos feudatarios.
« Mas por maior que fosse o beneficio,
« Que nos prestou; acaso reconheces
« Nelle o poder de dar-nos do seu sangue
« Um Chefe ignoto, um Chefe, que até hoje,
« Só no côro rezou, a quem das armas
« É extranho o manejo? » = « Julio Antonio »
Enguerando tornou-lhe « desejava
« Do fundo da alma o bem do seu partido.
« Melhor que nós, o esp'rito conhecia
« De Sigismundo. Não nos apressemos
« Em condemnal-o, sem saber se o braço
« É com effeito indigno de mandar-nos.
« O sangue é bom, e se saír ao Thio,
« Que queremos nós mais. » = Ouve-se um grito
De alegria. Entrárão companheiros,
Com um inimigo preso, ainda com vida.
Aos pés do Chefe o trazem, sempre atadas
Com o esparto essas mãos, que tanto temem.
Em silencio marchava, sem turvar-se

O joven Cavalleiro. Silencioso,
As vistas furiosas, os insultos
Dos bandidos encára. = « Muito Nobre,
« E possante Senhor, porque não mandas
« Escoroaçar os vís, esta canalha. »
Estas e outras vozes circulávão
Por entre elles; alguns, appresentando
Cutellos, ameação. Té se atrevem
A espancal-o alguns. Elle calado,
Indifferente a tudo. Mais não move
Seu peito essa gentalha encarniçada,
Que o promontorio move furiosa
A onda do salgado, quando os ventos
As tempestades chamão. — « Té que o Chefe
« Seu destino decida, em calhabouço
« Seja lançado » — dizem dos bandidos
Os mais humanos. — « Não, melhor seria
« Que o matassemos já. Morto não morde. »
A não ser Enguerando, não vivera
O Cavalleiro mais; mas, a seus rogos,
Esperão pelo Chefe, e continuão
A orgia bachanal. Cantaros cheios
De vinho despejando, broncas postas
De mal guisadas carnes, sobre a banca,
Trazem á uma. Farta a fome e a sede,
Assim discordes cantos entoavão.

« Trema o forte, do pequeno
Já a queixa vai sobindo,
Ante o throno sublimado,
Alta vingança pedindo. —
Guerra morte e desespero,
A' tyrannia levemos,
Dos parentes as injurias,
No impio sangue lavemos. »

« Corra o sangue. Pelo sangue,
Seja o sangue derramado.
O Castello jaz por terra,
Seja seu campo assolado.
Guerra, morte e desespero,
A' tyrannia levemos,
Dos parentes as injurias,
No impio sangue lavemos. »

« De entre os braços de sus madres,
As donzellas arranquemos.
Nas filhas suas, das nossas
A atroz injuria vinguemos.
Guerra, morte e desespero,
A' tyrannia levemos,
Dos parentes as injurias,
No impio sangue lavemos. »

« Quem poderá ter piedade
Da miseria do oppressor!
Por mais que soffra, seus males
Nunca vingão nossa dôr.
Guerra, morte e desespero,
A' tyrannia levemos,
Dos parentes as injurias,
No impio sangue lavemos. »

Assim cantavão uns: discutem outros;
Da orgia cançados, mais dormião;
Quando o Chefe chegou. — É Sigismundo.
Rodeado dos seus, o odio aviva
Aos menos vehementes, a vingança
Inspirar-lhes procura. Os mais prudentes
Para o Conselho chama, que os designios,
Que pretende levar a effeito prompto,
Sagazes examinem.
Mas todos o rodeião, todos pedem
A morte do captivo cavalleiro:
Trazem-o á sua presença. = « Deos eterno!
« És tu! » = escapa ao moço. Sem reposta
O Captivo o mirou. = « Morra o tyranno »
A' uma brada a gente. Neste instante,
Vio Sigismundo a sorte, que ameaça
O Salvador da vida; quando astutos
Cortezões sua perda maquinavão.
Que fará? — Desatar suas cadêas,

Com a vida pagar o dom da vida,
E, quando temerario se lhe opponha,
A espada vibrar, tão generoso
Como fôra o guerreiro, ora captivo. —
Mas se o faz, os projectos de vingança,
Que será delles? — plano que ha formado
Não quer baldado vêr. = « Justa é vossa ira »
Ao partidarios diz: « o vosso Chefe
« Não vos-lo negará. Nenhum resguarda
« Maior odio aos tyrannos, que este peito,
« Tão cruelmente ferido. — Mas primeiro,
« Comigo só o deixai. Dos inimigos
« Um dos grandes é elle, altos segredos
« Poderá revelar. » = Ao seu acceno,
O preso fica livre, e Sigismundo
Sobe com elle á cella, que habitava
O defuncto parente, reservada
P'ra aposento dos Chefes. Longo tempo,
Com elle praticou, e depois volve
A reunir-se aos mais. Para a masmorra
Reconduzem de prompto o cavalleiro;
Em quanto os Chefes juntos delibérão.

Findou a conferencia. A cada um cabo
Sua incumbencia deu Supremo o Chefe.
Os bandos numerosos já partírão.
Poucos ficão, de guarda ao prisioneiro;
Esses poucos, da orgia acabrunhados,

Breve o somno tomou. O joven Chefe
Aproveita o momento, a luz apaga —
Toma as chaves — as portas são abertas —
Cáem as barras, que a masmorra encerrão. =
« Silencio » o Chefe diz ao Cavalleiro,
E as cordas desprende. A passos leves,
Sáe Amedeo, do guia conduzido.
Já fóra são; mas subito n'um Guarda
Entropeção os dous: = « Alarma, alarma »
Grita o bandido. Acordão os companheiros,
Erguem-se todos logo — mas as trevas,
A confusão augmentão — longo o somno,
A orgia os perturba. Vaccilantes,
Perdido o tino, em vão armas procurão.
Em gritaria tal, o sangue frio
Não perde Sigismundo. Vai abrindo,
Com a espada na mão, por entre as turbas
Dos bandidos caminho — o prisioneiro
Com a esquerda conduz. — Já tem chegado
Do claustro á porta. Prompto preveníra
Sigismundo um corcel. = « Toma este ferro »
A Amedeo diz » e lembra-te que ingrato
« Sigismundo não foi. — Ora não pares.
« Sobre tudo das partes do Occidente,
« Da selva foge, e irás em segurança. »
Aperta-lhe Amedeo a dextra honrada,
Esquece que é o rival — em Sigismundo
Só o generoso vê, a quem devia

A liberdade, a vida. — Vê partil-o
O Capitão contente. Dentro volve,
Finge cólera aos seus — fórma os guerreiros,
E para a empreza os bandos encaminha.

Eudes, em tanto, toca já nas terras
Da soberba Bourgonha bellicosa.
Já na planice os seus marchão guerreiros,
Signaes de paz, nas armas alvorando.
Já o Castello avistão, não distante,
Onde devem cumprir sua mensagem.
« Graças a Deos » exclamão os viadantes,
« Metade da jornada é terminada. »

« Eudes, filho de Rollando,
Procura o vosso Senhor.
De seu pai vem pelo mando,
De paz dar-vos um penhor. »

A' voz amiga de Eudes conhecido,
O Guarda do Castello a ponte abaixa.
« Perdoa tal demóra; mas nos campos,
« Ha tempos, os villãos armas manejão.
« Dizem que os servos tem pegado em armas,
« Em partes da Bourgonha, e por cautela
« Hei ordem de ter ponte levantada. »
Disséra o Guarda, e de Eudes leda a tropa,
Bem formada, passava sobre a ponte.

Trotando na frente,
Vem os Cavalleiros,
Lanças balançando
Nos punhos guerreiros.
Infantes columnas
Seguem bem unidas.
Os peitos de ferro,
As armas polidas
Do sol ião aos raios reflectindo,
Como se dellas luz fosse saíndo.

Na frente de todos,
Ginete malhado
Eudes cavalgava,
De ferro adornado.
Pluma verde seu elmo recobria,
Em signal da esperança que trazia.

Na praça do Castello está formada,
Sob o seu Chefe, a guarnição prestante.
Tem o besteiro a besta desarmada,
Prompta a inclinar-se, á voz do commandante.
Por cortezia as lanças abaixavão,
Em quanto os alliados vem entrando;
Os anafis as tubas, que tocavão,
A chegada dos hospedes saudando.

« Meu pai Rollando a filha Reullura
« Consente ao teu Alfred ser desposada.
« Assim reunírão nobreza grada,
« E dous moços iguaes em formosura. »
— « Meu filho agradeceo. Estou contente,
« Hoje o dia á amisade dediquemos,
« E ámanhãa, quando a aurora refulgente
« Nos altos ceos raiar; enviaremos
« Quem, com os teus, o filho acompanhando,
« Possa assistir ás vodas por meu mando. »

Em quanto assim, nas terras da Bourgonha,
Mil festejos prepárão á amisade;
O tempo, que no gozo ou na desgraça,
Com vôo, sempre igual, o curso segue,
Trazia a aurora do segundo dia.
Da Bourgonha partírão os mancebos,
Com o joven Alfredo, doce esp'rança,
Prospera vergontea de alta vida.
Alfredo, unico herdeiro da nobreza
Dos Barões de Fontenai, soberba gente
Entre as soberbas, que a Bourgonha regem,
Vai buscar Reullura. Seus vassallos,
Seus amigos o seguem. Montão elles
Os brutos incançaveis no trabalho.
Mil côres nesse dia o sol admira;
Vão disputar a palma da victoria
Os Bourguinhões á prole lá do Rheno,

Nos belligeros jogos do Torneio.
Pagens os seguem. — Pompa vaidosa!
Que pasto preparaes para os abutres!
Talvez, antes de pouco, em vez de jogos,
Do apparato, imagem dos combates,
Atroz realidade substitua
O Mavorte cruel. Feliz aquelle,
Que á espada escapar dos matadores.
Morre sem gloria o triste que succumbe;
Ingloriosa victoria é desdenhada;
Pois o que é para os filhos dos Francezes
Ser vencedor em lida com vassallos?
Entravão nos dominios, onde o Rheno
A tumida corrente precipita.
Alfredo, Eudes, c'os mais dos Cavalleiros,
O termo da jornada já tocavão.

Já chegão á selva,
Aonde os antigos
Carvalhos enlação
Seus ramos amigos.

A selva, vetusta,
Eudes conhecia,
Alli muitas vezes
Passára sem guia.

O cervo que foge,
O vento imitando,
O javalí forte
Seguíra caçando.

Avistão seus olhos,
Por entre o arvoredo,
A' extensa campina,
Onde hão chegar cedo,
Campo que as patrias armas governavão,
Onde os pendões paternos tremulávão.

A lua, tremulando nos ceos altos,
O itinerario aclara = « Deos bemdigo;
« Agora é que o perigo está passado.
« Apezar dos rumores, que os vassallos
« Sobre este bosque timidos espálhão;
« Nenhum mal ha damnado as gentes nossas.
« Eis na frente a planicie, onde á vontade
« Do cavallo veloz se estenda o curso. »
Exclamou Eudes. — Mal elle acabava,
Alfredo aos pés do bruto vê caído.
Uma setta, das arvores lançada,
O elmo transpassou: deu-lhe na frente;
Rebenta o sangue, expira o cavalleiro.
Eudes pasma — por cima da cabeça
Mais de uma setta passa assobiando,
Que do elmo o penacho tem levado.

Um Bourguinhão, um Franco estão por terra.
Tem tempo apenas p'ra encurtar as redeas,
Os cavalleiros; — descem dos cavallos;
Mas destes que descêrão ha já sete,
Que na sella jámais hão de assentar-se.
Uns atraz dos cavallos se abrigávão:
Outros por traz das arvores espreitão. —
Voão os tiros, corre a morte alada.
Occulto o traidor que os arremessa,
É inutil o brado dos que morrem,
Vingança dos amigos reclamando.
Os mais bravos infantes, em columna,
Do inimigo cruel a carga esperão. —
O covarde não sáe da embuscada,
E a morte dos fortes vai ceifando
As fileiras raivosas. — Eudes manda
A marcha continuar. — Já erão poucos,
Que os cavallos montassem. Eis que as settas,
Os dardos, que a passagem escurecem,
Denuncião que tem guardado o imigo
A unica saída, que permitte
A selva ingrata aos bravos combatentes.
Então Eudes, de raiva aceso, sente
Na cabeça o cabello que se erige;
Vibra a lança, dos olhos verte fogo,
O bruto impelle. « Avante » grita « amigos,
« Inda que ao perto, e ao longe chova a morte
« Já destas escapei talvez peores. »

Disse e avançava; quando os emboscados
Das ciladas saião. Seus sequazes
Convidão a render-se; porém temem,
Mais que o ferro inimigo, o Chefe iroso.
Nenhum resigna a espada ou halabarda,
Nenhum levanta o grito de *rendido*.
Recrescem os contrarios, rodeados
Os bravos Cavalleiros em vão lutão
Com a morte, que instante se approxima.
Qual do Brazil nos matos a serpente,
Que os negros atrevidos atacárão,
As facas, os punhaes desafiava. —
Salta irosa, na terra o corpo rolla,
Procurando esmagar seus assassinos,
De balde busca em nós crueis cingil-os;
Pelas feridas, pelos golpes vencem
Africanos astutos, e a abandonão
A' agonia, que a vida lhe termina;
Tal a gente Franceza, acabrunhada,
Procura em vão oppôr as ferreas armas,
O indomito valor aos homicidas. —
Elles instão. — O Chefe os vem guiando.
Seus olhos negros sembrão dar quebrante.
De cima do cavallo, côr de corvo,
Sua espada dos seus vinga milhares.
É elle, é Sigismundo denodado. —
Eudes o vê. — « Maldito Monge » exclama
« Bem vindo a toda a hora p'ra o meu braço,

« Monge perfido! — amor de Reullura! »

Eudes sobre elle,
Com ferro alçado,
Corre, e co'a furia
Vai descuidado.

Co'a rapidez,
O elmo forte
Cáe, e a cabeça
Offrece ao corte.

Parte uma setta
Desconhecida;
Sangue derrama
Nuca ferida.

Em negro pó envolvido,
Caío, rollou o cavalleiro;
Sem que roubar possa a morte
Da feicção o ar guerreiro.
Eudes morreo. Da raça abominada
Se fôra o Chefe, a injuria era vingada.

# ROULLURA

## POEMA.

## Canto Sexto.

. . . . . She died in youth . . . . . bowed
With woes far heavier than the ponderous tomb
That weigh'd upon her gentle dust. —
BYRON (*Childe Harold's Pilgrimage.*)

MOrto caío o cavallo, da carreira
Tão rapida cançado. — O homem de armas
Mal escapou ao hoste que o seguia.
Pára um momento á porta do Castello.
Empoeiradas armas cobre o sangue —
O elmo espedaçado. — Ora affégando,
A respirar um pouco ergue a viseira.
Rollando procurou. = « Ficou no campo
« O teu filho » lhe diz » com o extrangeiro,
« Com os vassallos de ambos. — De entre todos
« Só escapei; mas como vês, poupado

« Não fui do ferro imigo. » — Mais não ouve
O Castellão. Mui pouco chora o caso
De Eudes defuncto. — « Hontem te esperava,
« Hoje esperas-me tu. » — D'alli o levárão,
Sobre o leito jazeo. — Jazeo p'ra sempre.

Qual Niobea alli jazia a filha,
Ao cadaver paterno como presa.
Ao silencio medonho doloroso
Succedem pias lagrimas, gemidos,
Que em vão do padre a vida reclamávão.
Cobre de osculos frigidas as faces,
A mão gelada aos labios tem pegada.
Seu coração, ao padre entregue inteiro,
Té do seu Sigismundo se não lembra.
Mas inda chora; ainda o sentimento
Cabe naquella alma tão amante!
Triste — mas de razão inda dotada,
Seus males saborear inda podia.
As fezes do infortunio, lá no fundo
Da taça da amargura, a esperão inda.
Tudo ella não perdeo. — Embora esquece
Que inda uma esp'rança resta-lhe no mundo —
Um instincto, um instincto sem que o sinta,
Inda á terra e á vida a tem ligada.
Triste conforto em tal melancholia,
Balsamo bem mesquinho p'ra taes males.

Mas entretanto Rhodon impetuoso
Sobre o corpo do pai jura vingál-o.
Em ira acceso, brada que este dia,
Já que o pai morto vio, vêl-o-ha vingado.
« Eudes » exclama; o nome repetido
É de cem bôcas, talisman de morte.
Theophilo homens de armás reunia:
Amedeo os amigos Cavalleiros
Promptos formava. Em todos arde o peito
Do infernal desejo da vingança.
Em pompa militar para a Capella
São levados os restos de Rollando.
Jurão os seus ás armas não largarem,
Em quanto respirar um só rebelde.
Rio-se a morte, tal voto que inspirára,
E ao vêr de Rhodon o gesto horrendo,
Té os seus proprios de terror recuão. —
A trompa deu signal. Partem as gentes,
A destrucção levando nas espadas.
A ponte é abaixada. Range o pinho,
Sob os pés dos ginetes, dos soldados.

Ella partil-os vio. — Ouvio horrendo
O juro do Mavorte pavoroso.
Mas lá vai Amedeo. Sem que profira
Uma só voz, seus olhos declarárão,
Que o ha de proteger, esse que inspira
Tantos receios á alma. Não fallára —

Nunca mais fallou c'o ella o cavalleiro. —
Sua vida, seu ser, a forte espada,
Tudo lhe consagrou. — Inda remorsos
O açoção, dessa hora, em que esquecido
Dos dictames da honra, offendeo a
Essa que adora. — Outra vez traír-se
O Cavalleiro teme, e ha jurado
Guardar ante ella rigido silencio,
Em silencio servil-a. Assim deseja
Expiar imprudente o sentimento,
Que involuntario com o silencio medra;
A moça o comprehende. Da setteira,
Vio correr sobre o amante a grei sequiosa
Do sangue seu. — Mas se olha p'ra o guerreiro,
Algum socego cobra; quando cuida
Quem vela sobre os dias do que adora. —
Defendido por elle quem receie?

Rapidos vão correndo os de Rollando
Vingadores crueis. Em seu caminho,
Os campos, as choupanas tudo assolão.
Punem do crime os mesmos innocentes,
O fraco inerme, o velho sem defeza,
Como anexo aos rebeldes, castigando.
Rhodon todos excita. Furioso
A' matança os convida. Do seu elmo
A verdes plumas tinge a rouxa tinta.
O ar feroz, da coma os louros crespos

Do vento balançados — os largos hombros,
O fogo que reflecte o peito de aço,
Tudo o assemelha a imagem gigantesca
Do cruel Lucifer, quando atrevido,
Nos valles azulados, perseguia
As hostes dos Archanjos.

Qual da caverna
Surge esfaimado
Leão terrivel,
Da raiva guiado.
A morte levando
No dente fatal,
Saltando a barreira
Entrou no curral.
As tímidas rezes,
N'um canto amontuadas,
Se encolhem debalde;
Em breve alcançadas
Das garras funestas,
Jazem immoladas,
E o leão, depois do feito ousado,
Volta ao covil, de sangue saciado.

Ou qual torrente invernosa
Rompe a preza que a continha;
Engrossando furiosa,
Sáe do leito que a detinha.

No seu curso destructor,
Vai cearas afogando,
Nos campos do lavrador,
Choças, tudo derrubando;
Assim quanto encontrava exterminando,
Com os seus corria o filho de Rollando.

Dá-lhe azas o furor. Já toca a selva,
Onde, na noute, a gente facciosa
Seu triumpho fatal houvera ganho.
Avante! — As selvas entrão — despiedado
Põem por terra o arvoredo o duro ferro.
Largão fogo aos madeiros — arde a selva.
Gemem ao longe os troncos, estalando. —
Fogem as feras tímidas. A morte
Homens, cavallos, feras tudo alcança.
A selva esclarecida já não cobre
Os fugitivos. Pérfidas as hostes,
Expulsas dos covís, em campo razo
Cercadas dos Francezes, mal resistem.
Fogem, qual foge á aguia carniceira
A innocente pomba. Perseguidos,
Em vão pedem quartel. Eudes não teve
De elles tracto melhor — hão morrer todos,
E a fraqueza só serve de infammál-os.

Mas tu oh Sigismundo, tu seu Chefe,
Tu dos rebeldes o primeiro amparo,

Na precedente noute tão terrivel,
Que fizeste de tanta valentia?
Rhodon avança, Rhodon que esperavas
Com peito de vingança sequioso;
Porque não appareces na peleja?
Acaso teme a morte o que ha perdido
Para sempre a esperança? — Tu temel-a!
E a ti que te importa a morte ou a vida?
Esse fardo, importuno aos desgraçados,
Ora não anhelavas por perdêl-o? —
A consciencia que nunca a bem amada
Ha coroar teus fogos amorosos, —
Esse algoz — esse triste sentimento,
Não bastão p'ra tomar a vida horrenda? —
Ah! quem pregunte tal! — Quem ha sentido
De amor os fogos, fogos devorantes,
Que se a existencia animão, breve a tornão! —
Quem foi amado já — quem ha provado
De um momento de amor toda a doçura,
E depois como um sonho esvaecida
Tanta ventura vio — Só esse diga
Quando a esp'rança morreo, se o amor á vida
Póde conter-se em coração ralado. —
Tu Sigismundo a morte não temias.
Tu dos teus as cohortes obedientes
Souberas conduzir certa á victoria.
Se hoje ainda os mandasses, poderias
Talvez inda salvál-os. — Recusárão

Obedecer-te mais, ingrata gente.
Contra o Chefe se erguêrão. O prisioneiro,
Rumores espalhárão que o salváras. —
Constou-lhes teu amor co'a nobre Dama —
E ao volver dessa empreza, em que a victoria
Lhes grangeára o Chefe seu perito,
Contra elle as espadas levantadas,
Dos bandos o expellirão. — Neste instante
Bradão em vão por ti. — Tu os não ouves.
Tarde o erro conhecem, quando expirão
Sob o ferro de Rhodon. Ferreo amparo
Já não oppõem teu braço inexpugnavel,
Contra os gumes da espada dos Senhores.
Amedeo em vão busca Sigismundo.
Com um partido dos seus, corre á montanha
Onde espera encontral-o, que encontrado
De outrem se succumbisse, como ousára
Appresentar-se áquella que o escravisa.
Rhodon outro caminho segue á sorte —
Tudo cáe, tudo cede ante o seu braço,
Já mais de cem a Eudes tem mandado.

No interior da selva serpejava
Um regato sereno, que tranquillo
Ao Rheno tributava as aguas suas.
Nas margens frescas, que a verdura tolda,
Onde a hera com o tronco se enlaçava,
Não existião traços dos humanos.

Só da selva innocentes moradores,
Quaes o gamo ou a corça, na corrente
As sedes vem matar. — Por outras eras,
Talvez alli pousasse pensativo
Supersticioso Druida, Solitario.
Ora o Mavorte a invade. Já retumba,
Em torno os velhos troncos abatendo,
A impia alabarda. — O grito da peleja
Troa nos orredores. — Corre o sangue,
Onde tudo p'ra a paz sembrava feito.
Remontando a corrente, conduzia
O limpido regato a gruta amena,
Pela natura simples bem talhada.
Petreos assentos, muros que alcatifa
O tapete de musgo delicado,
O tecto em lisa abobeda, arremeda
A arte dos humanos edificios.
O murmureo do rio, que alli nasce,
Convida á paz, ao somno e aos amores:
A verdura, que a entrada lhe entupia,
Alimenta das aguas a frescura.
Grato retiro — ainda mal se escutão
Na abobeda singela horrendos gritos,
Que ora na selva toda estão soando.
Mas vacua não está. — Esse silencio
De quando em quando o quebra um som.—Dirias
Humana voz — suspiro de agonia.

Um Guerreiro no assento apoia um braço,
Que a cabeça sustem, como cançado.
Tem na terra um giolho — o ar soberbo, —
Morena a frente a negra coma encobre: —
Plumas côr de ouro o capacete enfeitão,
Que ora por terra jaz — livres os membros
O ferro protector ora não cobre.
Jaz a armadura, a espada removida.
— Modos e gestos são de desespero:
Em bem triste pensar sembra engolfado;
Os negros olhos lagrimas gotejão:
O fogo que inda vertem tolda a nuvem,
Que tanto os humedece, — o gemer surdo
Que exhala o oppresso peito — as vagas queixas
Seu delirio amoroso denuncião.
Na dextra aperta tranças alouradas,
Tranças que amor talvez lhe houvera dado! —
Ah Guerreiro imprudente — nada esperas!
Accusas Deos talvez, por conservar-te,
Tempo demais, a vida tormentosa!
Proxima a morte está. — Eis seus Ministros.
Dous Guerreiros — no viço está dos annos
O mais ligeiro, o outro conta idade
Mais avançada — ambos são entrados.
Sembrão do inferno infaustos messageiros.
Trazem de ferro o peito guarnecido,
A cabeça coberta. Tem na dextra,
Escorrendo de sangue, a aguda espada.

Botas vermelhas de um, onde as esporas
A raça cavalleira certificão,
Louros cabellos, co'a virente pluma,
O filho de Rollando distinguião.
Era elle. Conhece Sigismundo,
Que sem o ver, inerme é alcançado.
Theophilo a mão lança ao desarmado,
Violento o sacudio. — « Rhodon avança,
« Rhodon, o vingador que os ceos suscitão;
« A alma a Deos encommendar bem pódes,
« Infame seductor — Chefe de escravos. » =
« Rhodon! » = Ao grito acorda o solitario.
Ao ouvir nome tal, gelão nos olhos
As lagrimas recentes. — « Tu és Rhodon! —
« Ah! Egialea! » mal assim dizia,
Com gesto natural ao lado esquerdo
A dextra leva; como quem sacava
A espada defensora. — Com um surriso,
Sardonico surriso, em que se pinta
Do odio satisfeito o gozo horrivel: —
« Covarde — desarmado me surpr'hendes; —
« Morra eu agora sim. — Vingado expiro —
« Aviltado ficou, infame o monstro
« Que Egialea aviltou. » Rhodon encára
Com tão medonho olhar, que o Franco hesita. —
Mas lembrou-lhe Eudes. — Vence o curto pejo —
Corre a elle. No seio, o assassino
A espada lhe ensopa. Sobre o solo

Cáe o moço.— do coração rebentão
Do amoroso sangue ardentes gotas.
Caío — e a ultima voz, que a dôr lhe arranca,
Ainda foi para ti, oh Reullura.
« Reullura » dos echos sonorosos
Da doce amada o nome foi ouvido.
Respondeo-lhe a caverna Reullura,
E de echo em echo a selva repetio-o. —
E aos pés de Rhodon tintas do sangue
Vem caír louras tranças — triste o agouro
Assusta o Cavalleiro. — Elle estremece,
A'pressa sáe da gruta, e enojado,
Mal contente comsigo, receoso,
Manda as tropas juntar, e retirar-se.

Mas tu os esperavas na alta torre.
Esperavas as novas anciosa
Da funesta invasão. — Chegão. — Olháste. —
Ceos que viste! — Do Grego tremulando
Na impia mão, o elmo do vencido,
Tropheo de sua victoria. — O elmo airoso,
Essas plumas, de ti tão conhecidas!
Nada mais viste. A' força do tormento
Succumbiste a final. — Não corre o pranto,
Inchão os olhos. — Vãos soccorros buscão
As aias, o irmão — caís, e se acordas
Do mortifero somno, evaporado
O juizo deixou a alma sensivel.

Em vão do Padre a morte te recordão,
Té do amante a morte te contavão. —
Disserão-lhe seu ultimo suspiro
Foi suspiro de amor p'ra Reullura.
Tardios esforços! — Já não os entendia. —
Um riso, horrivel riso, — tal riria,
Se é que lá ri, Megera nos infernos,
Um riso convulsivo denuncia,
Que partio a razão. — As gargalhadas,
A medonha alegria, horrendos saltos,
São os obsequios funeraes do amante.
Mas a alma, que a misera perdera,
Do corpo em pouco tempo foi seguida.
Chega-se junto ao muro, donde lança
Um derradeiro olhar para a campina.
Ao longe, os abrazados arvoredos,
Cearas e choupanas incendiadas,
Tudo contempla — stupida não mostra
Impressão ressentir; porém do amante
Quando o elmo avistou, involuntario
Convulsivo mover agita os membros.
Por muito assim o fitou — até que o Grego
O odioso tropheo do muro arroja —
Ai do que fez! — ai de elle — apoz o elmo
Lança-se a moça. — Cáe dentro do fosso,
Faz em pedaços delicado o corpo.

De ti a minha lyra temerosa
Sinto afastar. — Não tem do vate a lyra
Sons assás dolorosos p'ra cantar-te,
Infeliz Amedeo. — Mal as trombetas
Ouvio a convocar p'ra a retirada
As gentes de Rhodon; logo entendera
Que ou preso ou morto estava Sigismundo.
Seguira p'ra o Castello lentamente,
Procurando debalde achar no peito
Forças para suster da moça as vistas,
Quando o amante pedisse, que a seu braço
Tão segura entregára. — São baldados
Os sustos teus. — Melhor Amedeo fôra
Teres tu perecido na peleja,
Com as armas na mão. — Chega — não pede
Excusado detalhe. — O amor lhe explica
Triste o caso. — Não chora. — P'ra taes males
Não tem lagrimas olhos dos humanos.

Um tumulo de marmore o mais alvo
Foi da virgem defuncta a sepultura.
Dizem que o irmão quebrára sobre a campa
A arma traidora, que á bandeira
Sobre o marmore frio déra ao fogo.
Onde depois a vida de infortunio
Foi arrastar o herdeiro de Rollando,
Nunca mortal o soube. Quando a aurora
Passados dias tres, raiou nos cumes;

O Grego o procurou na torre idosa,
Dos Castellões morada acostumada.
Não o achou. Correo toda a campina,
A selva percorreo — por toda a França,
O filho de Rollando andou buscando.
Nunca vestigios seus, noticias delle
Collegirão do servo as diligencias.
Despareceo, deixando entre os vassallos
Um nome aborrecido. — Em quanto a moça,
A celeste Donzella, Reullura,
De flores annuaes sempre adornado
Teve o branco sepulchro. — O povo conta
Que muito tempo, quando a lua clara
Seu brilhante cortejo ao ceo trazia,
Uma Donzella, em tudo similhante
A' bella Reullura, do sepulchro
A vaguear na terra resurgia:
Que nas selvas errava toda a noute,
E na gruta, onde o rio rebentava,
Se ía esconder com joven Cavalleiro.
Era o aspecto deste apaixonado,
Pluma amarella no elmo fluctuava,
Estava sem couraça, e no seu peito,
De aberta chaga, o sangue inda corria.

A' porta do Mosteiro venerando,
Bateo um dia nobre Cavalleiro,
Que ao Prelado fallou. Dons opulentos

Offereceo á Ordem, e entrou nella.
Sua branca armadura, o escudo branco,
O Elmo, a espada pôz aos pés das aras. —
Nenhum vigia mais; porém ás horas
Do santo côro, sembra distraído.
Mil vezes a cabeça debruçada
Sobre o peito robusto, permanece
Como em meditação — até lhe esquecem
Os devidos responsos. Religiosas
São suas meditações? — Ha quem duvide. —
Quem por tal não as tem. Jámais o virão
De giolhos, nas horas alongadas
Que dentro a cella passa, em pensamentos
Todo engolfado. Ante o Crucifixio,
Palavras que então solta não são santas;
Não as traz breviario ou Evangelho.
Sem rudeza, seu modo não convida
A confidencias. — Vive na irmandade,
Unico sem irmão. — É curiosa
A monastica grei. Este estrangeiro
A mais de um faz cuidar. Todas as tardes,
Sáe do Mosteiro — p'ra o fazer licença
Tem do prelado. — Nestes orredores,
Que devoção terá? — Qual o motivo
Da derrota diaria? — Não o sabem.
Mas elle cada tarde se encaminha,
Antes do pôr do Sol, para o sepulchro
Da virgem Reullura. Alli persiste

Sobre a pedra sentado, merencorio.
Toca a campa p'ra o Ave, ergueo-se o Monge,
E encaminhou-se lento p'ra o Mosteiro.
Assim vive Amedeo. Como na vida
Só por ella adorou a Reullura,
Sem esp'rança de amor; assim na morte
Sobre a tumba de amor suspira eterno.

**FIM.**

# INDICE.


Prologo ..... v
Canto Primeiro ..... 1
Canto Segundo ..... 19
Canto Terceiro ..... 32
Canto Quarto ..... 54
Canto Quinto ..... 69
Canto Sexto ..... 89

# Erratas.

| *Pag.* | *Linh.* | *Erros* | *Emendas* |
|---|---|---|---|
| v | ultima | celebre | celebres |
| 5 | 1.ª | oppressores | oppressos |
| 8 | ultima | nao | não |
| 9 | ultima | Alfredo | Alfred |
| 21 | 13 | c'o | co' |
| 42 | 15 | c'o | co' |
| 69 | 5 | exita | excita |

Em

MAY -4 1953

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 928 7